

## **The Project Gutenberg eBook of Poesias, by A. A. Soares de Passos**

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Poesias

Author: A. A. Soares de Passos

Release date: June 13, 2012 [EBook #39992]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

\*\*\* START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK POESIAS \*\*\*

### **POESIAS**

### **POESIAS**

**POR**

**A. A. SOARES DE PASSOS**

---

**QUINTA EDIÇÃO**

---

**PORTO**

**EM CASA DE CRUZ COUTINHO--EDITOR  
Caldeireiros, 18 e 20**

**1870**

---

**TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO**  
**Rua Ferreira Borges, 31**

**A CAMÕES**

Ai do que a sorte assignalou no berço  
Inspirado cantor, rei da harmonia!  
Ai do que Deus ás gerações envia  
Dizendo: vae, padece, é teu fadario,  
Como um astro brilhante o mundo o admira,  
Mas não vê que essa chamma abrazadora  
Que o cerca d'esplendor, tambem devora  
Seu peito solitario.

Pairar nos céos em alteroso adejo,  
Buscando amor, e vida, e luz, e glorias,  
E vêr passar quaes sombras illusorias  
Essas imagens de fulgor divino:  
Taes são vossos destinos, ó poetas,  
Almas de fogo que um vil mundo encerra;  
Tal foi, grande Camões, tal foi na terra  
Teu misero destino.

A cruz levaste desde o berço á campa:  
Esgotaste a amargura até ás fezes:  
Parece que a fortuna em seus revezes  
Te mediu pelo genio a desventura.  
Combateste com ella como o cedro  
Que provoca o rancor da tempestade,  
Mas cuja inabalavel magestade  
Lhe resiste segura.

[6]

Foste grande na dôr como na lyra!  
Quem soube mais soffrer, quem soffreu tanto?  
Um anjo viste de celeste encanto,  
E aos pés cahiste da visão querida...  
Engano! foi um astro passageiro,  
Foi uma flôr de perfumado alento  
Que ao longe te sorriu, mas que sedento  
Jâmais colheste em vida.

Sob a couraça que cingiste ao peito  
Do peito ancioso suffocaste a chamma,  
E foste ao longe procurar a fama,  
Talvez, quem sabe? procurar a morte.  
Mas, qual onda que o naufrago arremessa  
Sobre inhospita praia sem guarida,  
A morte crua te arrojou á vida,  
E ás injurias da sorte.

De praia em praia divagando incerto  
Tuas desditas ensinaste ao mundo:  
A terra, os homens, té o mar profundo  
Conspirados achavas em teu damno.

[7]

Ave canora em solidão gemendo,  
Tiveste o genio por algoz ferino:  
Teu alento immortal era divino,  
Perdeste em ser humano:

Indicos valles, solidões do Ganges,  
E tu, ó gruta de Macau, sombria,  
Vós lhe ouvistes as queixas, e a harmonia  
D'esses hymnos que o tempo não consome.  
Foi lá, n'essa rocha solitaria,  
Que o vate desterrado e perseguido,  
À patria ingrata, que lhe dera o olvido,  
Deu eterno renome.

«Cantemos!» disse, e triumphou da sorte.  
«Cantemos!» disse, e recordando glorias,  
Sobre o mesmo theatro das victorias,  
Bardo guerreiro, levantou seus hymnos.  
Os desastres da patria, a sua quéda  
Temendo já no meditar profundo,  
Quiz dar-lhe a voz do cysne moribundo  
Em seus cantos divinos.

E que sentidos cantos! d'Ignez triste  
Se ouve mais triste o derradeiro alento,  
Ensinando o que póde o sentimento  
Quando um seio que amou d'amores canta;  
No brado heroico da guerreira tuba  
O valor portuguez sôa tremendo,  
E o fero Adamastor com gesto horrendo  
Inda hoje o mundo espanta!

[8]

Mas ai! a patria não lhe ouvia o canto!  
Da patria e do cantor findava a sorte:  
Aos dous juraram perdição e morte,  
E os dous juntaram na mansão funerea...  
Ingratos! ao que alçando a voz do genio  
Além dos astros nos erguera um solio,  
Decretaram por louro e capitolio  
O leito da miseria!

Ninguem o pranto lhe enxugou piedoso...  
Valeu-lhe o seu escravo, o seu amigo:  
«Dae esmola a Camões, dae-lhe um abrigo!»  
Dizia o triste a mendigar confuso!  
Homero, Ovidio, Tasso, estranhos cysnes,  
Vós que sorvestes do infortunio a taça,  
Vinde depôr as c'rôas da desgraça  
Aos pés do cysne luso!

Mas não tardava o derradeiro instante...  
O raio ardente que fulmina a rocha,  
Tambem a flôr que n'ella desabrocha,  
Cresta, passando, co'as ethereas lavas:  
Que scena! em quanto ao longe a patria exangue  
Aos alfanges mouriscos dava o peito,  
De misero hospital n'um pobre leito,  
Camões, tu expiravas!

[9]

Oh! quem me dera d'esse leito á beira  
Sondar teu grande espirito n'essa hora,  
Por saber, quando a mágoa nos devora,  
Que dôr póde conter um peito humano;  
Palpar teu seio, e n'esse estreito espaço  
Sentir a immensidade do tormento,  
Combatendo-te n'alma, como o vento  
Nas ondas do oceano!

O amor da patria, a ingratição dos homens,  
Natercia, a gloria, as illusões passadas,  
Entre as sombras da morte debuxadas,  
Em teu pallido rosto já pendido;  
E a patria, oh! e a patria que exaltáras  
N'essas canções d'inspiração profunda,  
Exhalando contigo moribunda  
Seu ultimo gemido!

Expirou! como o nauta destemido,  
Vendo a procella que o navio alaga,  
E ouvindo em roda no bramir da vaga  
D'horrenda morte o funeral presagio,  
Aos entes corre que adorou na vida,  
Em seguro baixel os põe a nado,  
E esquecido de si morre abraçado  
Aos restos do naufragio:

[10]

Assim, da patria que baixava á tumba,  
Em cantos immortaes salvando a gloria,  
E entregando-a dos tempos á memoria,  
Como em gigante pedestal segura:  
«Patria querida, morreremos juntos!»  
Murmurou em accento funerario,  
E envolvido da patria no sudario  
Baixou á sepultura.

Quebrando a louza do feral jazigo,  
Portugal resurgiu, vingando a affronta,  
E inda hoje ao mundo sua gloria aponta  
Dos cantos de Camões no eterno brado;  
Mas do vate immortal as frias cinzas  
Esquecidas deixou na sepultura,  
E o estrangeiro que passa em vão procura  
Seu tumulo ignorado.

Nenhuma pedra ou inscripção ligeira  
Recorda o gran cantor... porém calemos!  
Silencio! do immortal não profanemos  
Com tributos mortaes a alta memoria.  
Camões, grande Camões, foste poeta!  
Eu sei que tua sombra nos perdôa:  
Que valem mausoléus ante a corôa  
De tua eterna gloria?

[11]

## O OUTOMNO

[12]

Eis já do livido outomno  
Pesa o manto nas florestas;  
Cessaram as brandas festas  
Da natureza louçã.  
Tudo aguarda o frio inverno;  
Já não ha cantos suaves  
Do montanhez, e das aves,  
Saudando a luz da manhã.

Tudo é triste! os verdes montes  
Vão perdendo os seus matizes,  
As veigas os dons felizes,  
Thesoiro dos seus casaes;  
Dos crestados arvoredos  
A folha sêcca e myrrhada,

Cahe ao sôpro da rajada,  
Que anuncia os vendavaes.

Tudo é triste! e o seio triste  
Comprime-se a este aspecto;  
Não sei que pezar secreto  
Nos enluta o coração.  
É que nos lembra o passado  
Cheio de viço e frescura,  
E o presente sem verdura  
Como a folhagem do chão.

[13]

Lembra-nos cada esperança  
Pelo tempo emmurchecida,  
Mil aureos sonhos da vida  
Desfeitos, murchos tambem;  
Lembram-nos crenças fagueiras  
Da innocencia d'outra idade,  
Mortas á luz da verdade,  
Creadas por nossa mãe.

Lembram-nos doces thesoiros  
Que tivemos, e não temos;  
Os amigos que perdemos,  
A alegria que passou;  
Lembram-nos dias da infancia,  
Lembram-nos ternos amores,  
Lembram-nos todas as flôres  
Que o tempo á vida arrancou.

E depois assoma o inverno,  
Que lembra o gêlo da morte,  
Das amarguras da sorte  
Ultima gota fatal...  
É por isso que estes dias  
Da natureza cadente,  
Brilham n'alma tristemente  
Como um cyrio funeral.

[14]

Mas animo! após a quadra  
De nuvens e de tristeza,  
Despe o luto a natureza,  
Revive cheia de luz:  
Após o inverno sombrio,  
Vem a florea primavera,  
Que novos encantos gera,  
Nova alegria produz.

Os arvoredos despídos  
Se revestem de fôlhagem;  
Ao sôpro da branda aragem  
Rebenta no campo a flôr;  
Tudo ao vél-a se engrinalda,  
Tudo se cobre de relva,  
E as avesinhas na selva  
Lhe cantam hymnos d'amor.

Animo pois! como á terra,  
Tambem á nua existencia,  
Vem, após a decadencia,  
Ás vezes tempo feliz;  
E a vida gelada, esteril,  
Que o sôpro da morte abala,  
Desperta cheia de gala,  
Cheia de novo matiz.

[15]

Animo pois! e se acaso

Nosso destino inclemente,  
Em vez de jardim florente,  
Nos aponta o mausoléu;  
Se a primavera do mundo  
Já morreu, já não se alcança,  
Tenhamos inda esperança  
Na primavera do céu!

[16]

## O NOIVADO DO SEPULCHRO

### BALLADA

Vae alta a lua! na mansão da morte  
Já meia noite com vagar soou;  
Que paz tranquilla! dos vaivens da sorte  
Só tem descanso quem alli baixou.

Que paz tranquilla!... mas eis longe, ao longe  
Funerea campa com fragor rangeu;  
Branco phantasma, semelhando um monge,  
D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se!... na amplidão celeste  
Campeia a lua com sinistra luz;  
O vento geme no feral cypreste,  
O mocho pia na marmorea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se! com sombrio espanto  
Olhou em roda... não achou ninguem...  
Por entre as campas, arrastando o manto,  
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto d'uma cruz alçada,  
Que entre os cyprestes alvejava ao fim,  
Parou, sentou-se, e com a voz magoada  
Os eccos tristes acordou assim:

[17]

«Mulher formosa que adorei na vida,  
«E que na tumba não cessei d'amar,  
«Porque atrações desleal, mentida,  
«O amor eterno que te ouvi jurar?

«Amor! engano que na campa finda,  
«Que a morte despe da illusão fallaz:  
«Quem d'entre os vivos se lembrára ainda  
«Do pobre morto que na terra jaz?

«Abandonado n'este chão repousa  
«Ha já tres dias, e não vens aqui...  
«Ai quão pesada me tem sido a lousa  
«Sobre este peito que bateu por ti!

«Ai quão pesada me tem sido!» e em meio,  
A fronte exhausta lhe pendeu na mão,  
E entre soluços arrancou do seio  
Fundo suspiro de cruel paixão.

«Talvez que rindo dos protestos nossos,  
«Goses com outro d'infernal prazer;  
«E o olvido, o olvido cobrirá meus ossos

«Na fria terra, sem vingança ter!

--«Oh nunca, nunca!» de saudade infinda  
Responde um ecco suspirando além...  
«Oh nunca, nunca!» repetiu ainda  
Formosa virgem que em seus braços tem.

[18]

Cobrem-lhe as fórmãs divinaes, airosas,  
Longas roupagens de nevada côr;  
Singela c'rôa de virgineas rosas  
Lhe cerca a fronte d'um mortal pallor.

«Não, não perdeste meu amor jurado:  
«Vês este peito? reina a morte aqui...  
«É já sem forças, ai de mim, gelado,  
«Mas inda pulsa com amor por ti.

«Feliz que pude acompanhar-te ao fundo  
«Da sepultura, succumbindo á dôr:  
«Deixei a vida... que importava o mundo,  
«O mundo em trevas sem a luz do amor?

«Saudosa ao longe vês no céu a lua?  
--«Oh vejo, sim... recordação fatal!  
--«Foi á luz d'ella que jurei ser tua,  
«Durante a vida, e na mansão final.

«Oh vem! se nunca te cingi ao peito,  
«Hoje o sepulchro nos reúne enfim...  
«Quero o repouso do teu frio leito,  
«Quero-te unido para sempre a mim!»

E ao som dos pios do cantor funereo,  
E á luz da lua de sinistro alvor,  
Junto ao cruzeiro, sepulchral mysterio  
Foi celebrado, d'infeliz amor.

[19]

Quando risonho despontava o dia,  
Já d'esse drama nada havia então,  
Mais que uma tumba funeral vazia,  
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido  
Das sepulturas o gelado pó,  
Dous esqueletos, um ao outro unido,  
Foram achados n'um sepulchro só.

[20]

## DESEJO

Oh! quem nos teus braços podéra ditoso  
No mundo viver,  
Do mundo esquecido no languido goso  
D'infundo prazer.

Sentir os teus olhos serenos, em calma,  
Fallando d'além,  
D'além! d'uma vida que sonha minha alma  
Que a terra não tem.

Eu dera este mundo, com tudo o que encerra,  
Por tal galardão:  
Thesouros, e glorias, os thronos da terra,  
Que valem, que são?

A sêde que eu tenho não morre apagada  
Com tal aridez:  
Podêsse eu ganhá-los, e iria seu nada  
Depôr a teus pés.

E só desejando mais doce victoria,  
Dizer-te: eis-aqui  
Meu sceptro e sciencia, thesouros e gloria:  
Ganhei-os por ti.

[21]

A vida, essa mesma daria contente,  
Sem pena, sem dôr,  
Se um dia embalasses, um dia sómente,  
Meu sonho d'amor.

Isenta do laço que ao mundo nos prende,  
A vida que val?  
A vida é só vida se o amor n'ella accende  
Seu doce fanal.

Aos mundos que eu sonho podêsse eu contigo,  
Voando, subir;  
Depois, que importava? depois no jazigo  
Sorrira ao cahir.

## **BOABDIL**

[22]

### **ULTIMO REI MOURO DE GRANADA**

De Granada nas torres já se ergue  
O pendão de Castella temido;  
Boabdil, o rei mouro vencido,  
Deixa a terra em que ha pouco reinou.  
Do Padul ás alturas chegado,  
Fez parar o seu timido bando,  
E o corcel andaluz volteando  
Taes adeuses á patria mandou:

«Ai Granada, lá ficas entregue  
«Para sempre aos guerreiros de Christo!  
«Quem teus fados houvera previsto,  
«Ó sultana de tanto poder?  
«Acabou-se o dominio dos crentes  
«N'este solo tão bello de Hespanha;  
«Não ha força de heroica façanha  
«Que nos possa das ruinas erguer.

«De Toledo, de Cordova, e Murcia,  
«De Jaên, de Baêza, e Sevilha,  
«Eras tu, ó gentil maravilha,  
«Que inda as glorias fazias lembrar.  
«E perdemos-te, ó flôr do occidente,  
«Do Xenil ó princeza formosa!  
«E curvamos a frente orgulhosa  
«Nós, os filhos valentes d'Agar!

[23]

«Deus o quiz! nossa raça punindo  
«Fez baixar o seu anjo da morte,  
«E das iras d'Allah no transporte  
«Baqueou nossa altiva nação!  
«Nossos odios civis nos perderam,  
«N'este abysmo fatal nos lançaram,  
«E nem mesmo o valor nos deixaram  
«De morrermos com nosso pendão.

«Ó guerreiros das eras passadas,  
«Vencedores da Hespanha descrida,  
«Lá n'esse eden feliz da outra vida,  
«Vossas faces cobri de rubor!  
«Este braço que ousou vossos louros  
«Arrastar ante os pés de Fernando,  
«Não ousou n'este peito nefando  
«Embeber um punhal vingador!

«Deshonrado, do throno banido, [24]  
«Que me resta por sorte futura?  
«Uma vida cobarde e obscura  
«No paiz em que outr'ora fui rei...  
«Nunca, nunca! o destino contrario  
«D'além-mar nosso berço me aponta:  
«Lá irei resgatar-me da affronta,  
«Lá dos bravos a morte haverei.

«Para sempre adeus pois, ó Granada!  
«Adeus, muros, e torres vermelhas  
«Que brilhaes como vivas centelhas  
«Nas verduras de tanto jardim!  
«Adeus, paços e fontes d'Alhambra!  
«Adeus, altas, soberbas mesquitas!  
«E vós, thronos das luas proscriptas,  
«Ó Comares, ó forte Albaicim!

«Para sempre, ai, adeus! té á morte  
«Viverás n'este peito, ó Granada!  
«Mas de balde, ó mansão adorada,  
«Que estes olhos jámais te hão de vêr...  
«Acabou-se o dominio dos crentes  
«N'este solo tão bello de Hespanha;  
«Não ha força de heroica façanha  
«Que nos possa das ruinas erguer.»

Disse, e o pranto nas faces corria [25]  
Do rei mouro, dos seus que restavam.  
Longe ao longe as trombetas soavam  
Em Granada já feita christã:  
Era o canto d'alegre triumpho  
Em redor dos pendões de Fernando;  
Era o grito d'Allah desterrando  
Das Hespanhas os crentes do Islám.

## CANÇÃO [26]

Que noite d'encanto!  
Que lucido manto!  
Que noite! amo tanto  
Seu mudo fulgor!  
Oh! vem, ó donzella;

Não temas, ó bella,  
Que á noite só vela  
Quem sonha d'amor.

A luz infinita  
Dos astros, crepita,  
Arqueja e palpita,  
Serena a brilhar:  
Assim o teu seio,  
De casto receio,  
De timido enleio,  
Costuma pulsar.

A lua, qual chamma,  
Que os seios inflamma,  
Fanal de quem ama,  
Desponta no céu;  
E a nitida fronte  
Retrata na fonte,  
E estende no monte  
Seu candido véo.

[27]

E a fonte murmura  
Por entre a verdura,  
E ao longe d'altura  
Lá desce a gemer:  
Que sons, que folguedos!  
Parece aos rochedos  
Dizer mil segredos  
D'infundo prazer.

Silencio! o trinado  
Lá solta enlevado,  
Das noites o amado,  
Da selva o cantor;  
E o hymno que entôa  
No bosque resôa,  
E ao longe revôa  
Gemendo d'amor.

O facho da lua  
Co'a sombra fluctua,  
Avança e recua  
No chão do jardim;  
Nas azas da aragem,  
Que agita a folhagem,  
Recende a bafagem  
Da rosa e jasmin.

[28]

Que noite d'encanto!  
Que lucido manto!  
Que noite! amo tanto  
Seu mudo fulgor!  
Oh! vem, ó donzella;  
Não temas, ó bella,  
Que á noite só vela  
Quem sonha d'amor.

[29]

## Á PATRIA

AO MEU AMIGO A. C. LOUSADA

(1852)

«Esta é a ditosa patria minha amada!»  
Este o jardim de matizadas flôres,  
Onde os céos com a terra abençoada  
Rivalisam nas galas e primores.

Este o paiz das tradições brilhantes,  
Onde cresceu a palma da victoria,  
Onde o mar conta ás praias sussurrantes  
Longinquos feitos d'extremada gloria.

Esta a nação de laureada frente,  
Esta a ditosa patria minha amada!  
Ditosa e grande quando foi potente,  
Hoje abatida, sem poder, sem nada.

Patria minha, que tens, que em desalento  
Vergas a fronte que alterosa erguias?  
Porque fitas o gélido moimento,  
Perdida a força dos antigos dias?

[30]

Que fizeste do genio destemido  
Com que domavas esse mar profundo,  
E sorrias das vagas ao rugido,  
Ignotas praias descobrindo ao mundo?

Onde está esse vasto capitolio  
De tuas glorias, o soberbo oriente,  
Lá onde erguida em triumphante solio  
Empunhavas teu sceptro refulgente?

Então eras tu grande! os reis da terra  
Derramavam-te aos pés os seus thesouros;  
O mar saudando teus pendões de guerra,  
Gemia ao pêso de teus verdes louros.

Então de lanças e d'heroes cercada,  
Avassallando a India e a Africa ardente,  
A cada golpe da valente espada  
Mais uma palma te adornava a frente.

Então prostradas mil hostis phalanges,  
Retumbava o fragor de teus combates  
Desde as praias de Ceuta além do Ganges,  
Fazendo estremecer o Nilo e Euphrates.

Então eras tu grande! hoje esquecida,  
Um ecco apenas de teu nome sôa;  
Nos braços da victoria adormecida,  
Perdeste o sceptro e a magestosa c'rôa.

[31]

Os fortes pulsos entregaste aos laços  
Da tyrannia e rude fanatismo,  
E descahidos os potentes braços,  
Caminhaste sem forças ao abysmo.

Um livro apenas te ficou, ó triste,  
Por epitaphio da passada gloria;  
Tudo o mais acabou, já nada existe

De tanto resplendor, mais que a memoria.

Das quinas os pendões já não revoam,  
Aguias altivas, sujeitando os mares;  
Teus gritos de victoria, ai! já não soam  
Na Lybia e nos gangeticos palmares.

Nações obscuras quando o mundo inteiro  
Já tuas glorias aprendido tinha,  
Vendo apagado teu ardor guerreiro,  
Arrancaram teu manto de rainha.

E repartindo entre ellas seus pedaços,  
E soltando depois feroz risada,  
Disseram ao passar, cruzando os braços:  
«Oh! como essa nação jaz aviltada!»

E teus heroes nas tumbas inquietos,  
Vendo insultadas tuas altas glorias,  
Agitaram seus frios esqueletos,  
Despedaçando as lapides marmoreas.

[32]

E cada qual das pregas do sudario,  
Erguendo a dextra que empunhára a lança,  
De pé sobre o jazigo funerario,  
Com torva indignação bradou: vingança!

Debalde! ao vêrem sem valor as quinas,  
Elles murmuram nas geladas campas:  
Tu, quem sabe? ditosa te imaginas,  
E em tua historia mil baldões estampas.

Nação que dormes do sepulchro á borda,  
Ergue-te, surge como outr'ora ovante!  
Teu genio antigo, teu valor recorda,  
E aprende n'elle a caminhar ávante!

Se longos annos d'opressão funesta  
Te pesaram na frente hoje abatida,  
No seio de teus filhos inda resta  
Fogo bastante para dar-te vida.

Longe da senda que gerou teu damno,  
Desata o vôo por espaços novos;  
E o ardor que te levou além do oceano,  
Além te levará dos outros povos.

Ah! possa, possa ainda a meiga aurora  
D'esse dia feliz brilhar-me pura!  
Possa esta lyra, que teus males chora,  
Dar-te cantos de gloria e de ventura!

[33]

Mas ah! se negra pagina sombria  
Tens de volver em teus crueis fadarios,  
Se o archanjo das ruinas ha de um dia  
Pairar sobre os teus restos solitarios:

Terra da minha patria, ouve o meu brado,  
Se inda da vida me restar o alento,  
Tu que foste meu berço idolatrado,  
Sê minha tumba em teu final momento!

## ROSA BRANCA

Eu amo a rosa branca das campinas,  
A branca rosa que ao soprar do vento  
Languida verga para o chão pendida.

Como a rosa dos valles, pura e bella  
Nos campos da existencia ella floria,  
Como a rosa dos valles que inda envolta  
No orvalho da manhã, desdobra o calix  
Ao sol nascente, perfumando as auras.  
A idade das paixões mal despontava  
Em seu meigo horisonte. Estava ainda  
No declinar da melindrosa infancia,  
D'essa quadra feliz em que a existencia  
É sonho encantador, em que os momentos  
Se deslizam na vida como as aguas  
De brando arroio, humedecendo os prados.  
Mas quão formosas já, quão seductoras,  
Por entre as graças da mimosa infancia,  
As graças juvenis lhe transluziam!

Com as socias da infancia ao vê-la ás tardes  
Vagando em seu jardim, vós a dissereis  
A açucena viçosa entre as boninas,  
Ou, entre os lumes da siderea noite,  
A estrella da manhã. E, todavia,  
Ignorava o poder de seus encantos:  
No mundo que a cercava, outras imagens,  
Outros amores não sonhava ainda,  
Além de sua mãe que a idolatrava,  
De seu pequeno irmão, de suas flôres.

[35]

E eu amava aquelle anjo como se amam  
Os sonhos d'innocencia d'outra idade,  
Ou como essas visões, que nos enlevam,  
De mundos d'harmonia a que aspiramos.

Vi-a uma vez, ao descahir da tarde,  
No jardim assentada ao pé da fonte,  
Olhando o tenro irmão, que em seu regaço  
Depozera as boninas que ajuntára.  
No regaço tambem, junto das flôres,  
Repousava, serena dormitando,  
A pomba que ella amava, e que sem medo  
Viera procurar tão doce ninho.  
Nunca a meus olhos se mostrou tão bella,  
Tão cheia d'innocencia. D'alvas roupas  
Suas fórmulas angelicas cingidas,  
Se desenhavam, em gentil contorno,  
Nas verdes murtas que o jardim ornavam:

Parecia qual cysne repousando  
Entre a verdura, de seu lago á beira.  
Uma rosa nevada, como as roupas,  
Lhe adornava as madeixas côr da noite,  
As formosas madeixas que n'essa hora  
Contrastavam mais negras, e mais bellas,  
Co'a leve pallidez que reflectia,  
Em seu rosto adoravel e sereno,  
O clarão melancolico da tarde.  
Com terna languidez a face meiga  
Recostava na mão, curvado o braço,  
Em quanto com a outra ora afagava

[36]

Sua pomba querida, ora os cabellos  
Compunha ao doce infante, que, sorrindo,  
Uma após outra lhe mostrava as flôres.

Ao vê-la assim formosa, ao vêr o grupo  
Que fazia com ella o par mimoso,  
A mente arrebatada afigurou-m'a  
Celeste archanjo que baixára ao mundo  
A recolher as orações da tarde,  
E que o infante e a pomba achando juntos,  
E a innocencia do céo vendo na terra,  
Dos irmãos se esquecêra e alli ficára.

Archanjo d'innocencia, ai fuge, fuge!  
Não te illuda este mundo onde poisaste,  
Este mundo fallaz, de ti indigno,  
Que tuas azas de brancura estreme

Com seu veneno talvez manche um dia.  
Archanjo d'innocencia, ai fuge! fuge!  
Procura teus irmãos, revôa a patria!

[37]

E fugiu, e voou. No mesmo sitio,  
Uma tarde tambem junto da fonte,  
A mãe a foi achar sósinha e triste.  
A suas plantas uma rosa branca  
Jazia desfolhada: era das flôres  
A flôr que mais queria. Ao vêr ao lado  
A mãe que idolatrava, estremecêra.  
Pobre innocente! recebeu acaso  
Não poder por mais tempo disfarçar-lhe  
Seu cruel padecer. A ardente febre  
Lhe devorava o seio, e não gemia.  
Mas seu dia chegava... A exausta fronte  
Lhe pendeu sem alento, e immersa em pranto,  
No regaço da mãe sumiu a face,  
Que já cobria a pallidez da morte.  
Tres dias depois d'este a flôr mimosa  
Que as grinaldas celestes invejavam,  
Cahia desfolhada no sepulchro.

Eu amo a rosa branca das campinas,  
A branca rosa que ao soprar do vento  
Languida verga para o chão pendida.

[38]

## ENFADO

Dos homens ai quem me dera  
Longe, bem longe viver!  
Junto de mim só quizera,  
Como eu sonho, um anjo ter.  
Que esse anjo surgisse agora,  
E o mundo folgasse embora  
Em seu nefando prazer.

Que vista! cede a innocencia  
Á voz do crime traidor;  
Folga a devassa impudencia,  
Nas faces não ha rubor.  
Traz o vicio a fronte erguida,  
E a virtude, sem guarida,  
Geme transida de dôr.

Vão ao templo da cubiça,  
Vão todos sacrificar:  
Consciencia, fé, justiça,  
Tudo lhe deixam no altar.  
Devora-os a sêde d'ouro;  
O seu deus é um thesouro,  
Porque o viver é gosar.

[39]

E que importa que o infante  
Morra á fome, e o ancião?  
Que importa que gema errante  
O proletario, sem pão?  
Oh! que importa que o talento  
Esmoreça ao desalento?  
Que val do genio o condão?

Proclamou-se a lei do forte:  
A lei do fraco é gemer.  
Ai do triste a quem a sorte  
Fez entre espinhos nascer!  
É um dogma a tyrannia,  
A liberdade heresia,  
A servidão um dever.

Que tempos, que tempos estes!  
Quem ha de viver assim  
N'um mundo que rasga as vestes  
Do justo, no seu festim?  
Quem ha de? mas esperança!  
Um dia foge, outro avança,  
E a redempção vem no fim.

[40]

Hoje, porém, quem me dera  
Longe dos homens viver!  
Junto de mim só quizera,  
Como eu sonho, um anjo ter.  
Que esse anjo surgisse agora,  
E o mundo folgasse embora  
Em seu nefando prazer.

## ANHELOS

[41]

Que immenso vacuo n'este peito sinto!  
Que arfar eterno de revolto mar!  
Que ardente fogo, que jámais extinto  
Sómente afrouxa para mais queimar!  
Ai! esta sêde que meu peito rala,  
Talvez a apague mundanal prazer:  
Alli ao menos poderei fartal-a,  
Ou n'um lethargo sem paixões viver.

Mas d'essa taça já provei... não quero!  
Quero deleites que inda não senti...  
A lucta, os riscos d'um combate fero!  
Talvez encantos acharei alli.

A lucta, os riscos, em acção travadas  
Guerreiras hostes disputando o chão;  
O sangue em jorros, o tinir d'espadas,  
O fumo e o fogo do voraz canhão!

[42]

Alli os gôsos d'um feroz delirio,  
Á luz das armas, sentirei em mim,  
Ou n'uma d'ellas o funereo cyrio  
Que á paz dos mortos me conduza emfim.

Mas não, não quero sobre a terra escrava  
A vis tyrannos immolar o irmão...  
O mar, o mar, que em sua furia brava  
Ninguem domina com servil grilhão!

O mar, o mar! sobre escarcéos revoltos  
Em fragil lenho fluctuar me apraz,  
Ao som das vagas e dos ventos soltos,  
E das centelhas ao clarão fugaz.  
Alli sorrindo da feroz tormenta,  
E dos abysmos que me abrir aos pés,  
Dentro d'esta alma de prazer sedenta  
Sublime gôso sentirei talvez.

Mas o mar livre tem um leito ainda  
Que os meus anhelos poderá soster...  
O espaço, o espaço! na amplidão infinda  
Talvez que possa o coração encher.

O espaço, o espaço! qual ligeiro vento  
Irei lançar-me n'esse mar sem fim,  
E a longos tragos aspirar o alento,  
Sentir a vida que desejo em mim...  
Ora aguia altiva, desprezando o solo,  
O rei dos astros buscarei então,  
Ora entre as neves do gelado polo  
Voarei nas azas do veloz tufão.

[43]

Mas solitario, sem cessar errante,  
De que valêra na amplidão correr?...  
A gloria, a gloria, que em painel brilhante  
Me offrece a imagem d'um maior prazer!

A gloria, a gloria! mil trophéos ganhados,  
Mil verdes palmas e laureis tambem;  
Triumphos, c'rôas e sonoros brados  
Da turba--é elle!--repetindo além...  
Então em sonhos d'uma vida infinda  
Verei a chamma d'immortal pharol,  
Que em meu sepulchro resplandeça ainda,  
Bem como a lua quando é morto o sol.

Mas não, que a inveja com a voz mentida  
A luz em sombras poderá tornar...  
O amor, o amor, que redobrando a vida,  
A vida n'outrem me fará gosar!

O amor, o amor, celestial perfume  
Que a mão dos anjos sobre nós verteu,  
Doce mysterio que n'um só resume  
Dous pensamentos aspirando ao céu!  
O amor, o amor, não mentiroso incenso  
Que em frios labios só no mundo achei,  
Mas immutavel, mas sublime e immenso  
Qual em meus sonhos juvenis sonhei...

[44]

O amor! só elle poderá n'esta alma  
Risonhas crenças outra vez gerar,  
De minha sêde mitigar a calma,  
E inda fazer-me reviver, e amar.

## O FILHO MORTO

No povo d'além da serra  
Vai a noite em mais de meio,  
E a pobre da mãe velava  
Unindo o filhinho ao seio.

«Acorda, meu filho, acorda,  
«Que esse dormir não é teu;  
«É como o somno da morte  
«O somno que a ti desceu.

«Tarda-me já um sorriso  
«Nos teus labios de rubim;  
«Acorda, meu filho, acorda,  
«Sorri-te ledó p'ra mim.»

Mas o infante moribundo  
Em seu regaço expirou;  
E a mãe o cobriu de beijos,  
E largo tempo chorou.

Em seu pequeno jazigo  
Dous dias chorou também;  
Ao terceiro o sino triste  
Dobrou á morte d'alguem.

[46]

E á noite no cemiterio  
Outro jazigo se via:  
Era a mãe que ao pé do filho  
Na sepultura dormia.

[47]

## SOCRATES

Já proximo do occaso vae descendo  
O sol ao mar inquieto,  
Os moribundos raios estendendo  
Nas alturas do Hymeto;  
E Socrates, sentado sobre o leito,  
Inda aos alumnos falla,  
No silencio geral notando o effeito  
Da razão que os abala.  
A verdade sublime lhes revela  
Em palavras ignotas,  
Suaves como a voz de Philomela,  
Ou do cysne do Eurotas.  
Cebes, o proprio Cebes emmudece,  
Simmias já não duvida:  
Nos olhos do inspirado resplandece  
Um Deus e a eterna vida!

Mas o sol expirava: era o momento  
Que Athenas decretára:  
Cumpre os deuses vingar: o sabio attento  
Á morte se prepara.  
Os discipulos tremem contemplando

[48]

O dia já no resto;  
Eis o servo dos onze entra chorando  
No carcere funesto.  
O circulo cruzando, a bronzea taça  
A Socrates estende;  
O philosopho a empunha com a graça  
Que nos festins resplende.  
«Ergamos, disse, nossa prece Áquelle  
«Que ao longe nos convida,  
«Por que seja feliz por meio d'Elle  
«A viagem temida.»  
E aproximando intrepido e sereno  
A liquida cicuta,  
Como nectar a esgota, e do veneno  
Entrega a taça enxuta.

Um lamento geral, um só transporte  
Percorre em torno o bando  
Dos alumnos fieis, chorando a sorte  
Do mestre venerando.  
Apollodoro geme; succumbindo,  
Criton lhe corresponde;  
Phédon abaixa os olhos, e carpindo  
No manto o rosto esconde.

Elle sem vacillar, elle sómente,  
Sorrindo á turba anciada;  
«Amigos, que fazeis? um sol fulgente  
«Me luz em nova estrada.  
«De presagios felizes rodeemos  
«Os ultimos instantes!  
«Chore quem não tem fé: nós que já crêmos,  
«Nós sejamos constantes!»  
Disse, e deixando o leito em que jazia  
Serenos move o passo,  
Que o veneno lethargico devia  
Obrar pelo cansaço.  
Das grades se aproxima, olha o Parthénon,  
Olha os muros d'Athenas,  
O Phaléro, o Pireu e as que lhe acenam  
Regiões são serenas;  
Olha os céos, olha a terra, a luz do dia  
Expirando nas vagas,  
E de harmonias taes se ergue á harmonia  
De mais ditosas plagas.  
Depois, volvendo ao leito, diz a tudo  
O adeus da despedida;  
Cobre o rosto c'o manto, e aguarda mudo  
O instante da partida.

[49]

O veneno progride, e já do effeito  
Redobra a intensidade;  
Dos membros se apodera, sobe ao peito,  
E o coração lhe invade.

Estremeceu! do gelido trespasse  
Era emfim a agonia...  
O executor lhe descobriu a face:  
Socrates não vivia!

[50]

Triumphas, cega Athenas, ao martyrio  
O sabio condemnaste,  
E d'olympicos deuses no delirio  
A razão engeitaste;  
Á voz do Areopágo, á voz de ferro  
Suffocaste a doutrina:  
A verdade succumbe, a sombra do erro  
No mundo predomina.

Mas que estrella futura se levanta  
Rasgando a escuridade?  
Que palavra resôa, e o mundo espanta  
Prégando a alta verdade?  
É elle, é elle, o promettido ás gentes  
Na voz das prophecias!  
Curvae, ó gerações, curvae as frentes  
Ao verbo do Messias!

[51]

**A\*\*\***

Acaso és tu a imagem vaporosa  
Que me sorriu nos sonhos d'outra idade,  
Como a luz da manhã sorri formosa  
Nos espaços azues da immensidade?  
És tu esse astro que minha alma anhela,  
Que debalde busquei no mar da vida,  
Qual busca o nauta bonançosa estrella  
No meio da procella enfurecida?  
Ah! se és esse ente que meu ser domina,  
Se és essa estrella que meu fado encerra,  
Se és algum anjo da mansão divina  
Pairando sobre a terra;  
Já que baixaste a mim, já que a meu lado  
Me apontaste sorrindo o ethereo véo,  
Não me deixes na terra abandonado,  
Transporta-me ao teu céu!

[52]

## **ULTIMOS MOMENTOS DE ALBUQUERQUE**

### **AO MEU AMIGO A. AYRES DE GOUVEIA**

Companheiros, sinto a morte  
Pairando já sobre mim;  
Cessaram vaivens da sorte,  
Desço á terra, d'onde vim...  
Do calix da desventura  
Eis esgotada a amargura;  
No leito da sepultura  
Terei descanso por fim.

Terei: a campa é um asylo  
Que ao impio deve aterrar,  
Mas eu dormirei tranquillo  
Sob a lagea tumular.  
Eu... desgraçado, que digo!  
Nem lá espero um abrigo,  
Que os meus restos no jazigo  
Irão talvez insultar.

Murmurando: «aqui repousa  
Um desleal portuguez,»  
Irão partir minha lousa,  
Meu nome calcar aos pés:  
E o guerreiro que descança  
Não poderá, por vingança,  
Brandir na dextra uma lança,  
Cingir ao peito um arnez...

[53]

Quaes foram, rei, os meus crimes  
Para haver tal galardão?  
Por que a fronte assim me opprimes  
Com a tua ingratitude?  
De vis intrigas cercado  
Ouviste seu impio brado.  
E sobre as cans do soldado  
Lançaste negro baldão.

Não merecia tal premio  
Quem debaixo d'este céu,  
Da roxa aurora no gremio,  
Um novo imperio te deu;  
Quem á custa d'uma vida  
Nas batalhas consumida,  
Ante as quinas abatida  
A India inteira rendeu.

Por dar-te a c'rôa brilhante  
Que em tua fronte reluz,  
Fiz a meus pés arquejante  
Cahir a opulenta Ormuz;  
Malaca sentiu meu raio,  
E em Gôa, roto o Sabaio  
Entre o sangue, entre o desmaio,  
Alcei o pendão da cruz.

[54]

Então desde o Nilo ao Ganges  
Cem povos armados vi,  
Erguendo torvas phalanges  
Contra mim e contra ti;  
Vi os filhos do deserto  
Em ondas rugindo perto;  
Mas com ferro em campo aberto  
Às suas iras sorri.

Contra as lanças portuguezas  
A India luctou em vão,  
Que em troca d'ouro e riquezas  
Veio comprar seu grilhão.  
Aos golpes de meus soldados  
Vi seus thronos abalados,  
Vi ante mim ajoelhados  
Reis d'Onor e de Sião.

Mas d'Asia não pôde o ouro  
Cegar-me com seu fulgor,  
Porque a honra é o thesouro  
Dos meus passados, senhor.  
Eu quiz adornar-te a frente  
C'um diadema refulgente:  
Ganhei o sceptro do Oriente,  
E a teus pés o fui depôr.

[55]

N'esses campos de batalha  
Onde audaz o conquistei,  
Das armas sob a mortalha  
Porque exangue não findei?  
Entre os louros da victoria  
Morrêra ao menos com gloria;  
Do teu soldado a memoria  
Não a mancháras, ó rei.

Eu desleal?! se meus brados  
Podem chegar até vós,  
Erguei-vos, restos sagrados  
De meus extinctos avós!  
Erguei-vos da campa fria,

E com sangue, á luz do dia,  
Lavae a nódoa sombria  
Que arrojaram sobre nós!

Eu desleal... mas ao mundo  
Que vale queixas mandar?  
As vozes d'um moribundo  
Não vão na terra eccoar...  
Surge, ó morte!... e vós, amigos,  
Socios de tantos perigos,  
Vinde... nem só inimigos  
Me restam ao expirar.

[56]

No reino vos deixo um filho:  
Nossos feitos lhe ensinae;  
Dizei-lhe qual foi o trilho  
Que em vida seguiu seu pae...  
Dizei-lhe qual foi meu norte;  
Mas, em quanto á minha sorte,  
Oh! não lhe aponteis a morte,  
A vida só lhe apontae...

E se fallardes um dia  
A dom Manoel, o feliz,  
Dizei-lhe que na agonia  
Albuquerque o não maldiz;  
Que á beira da sepultura,  
Para um filho sem ventura,  
Invoco sua ternura,  
Se alguns serviços lhe fiz.

E vós... e vós, portuguezes,  
Nossa patria defendei;  
Dae-lhe os peitos por arnezes,  
Seja a patria vossa lei.  
N'um throno que ella não tinha  
Eu vol-a deixo rainha,  
Mas não sei o que adivinha  
Meu pensamento... não sei.

[57]

Entre as sombras do futuro,  
Meu Deus! a patria em grilhões!  
Pelo mar em vão procuro  
Seus orgulhosos pendões...  
Coberta d'amargo pranto,  
Lá se envolve em negro manto...  
Lá roja a face em quebranto...  
Ella, a grande entre as nações!

Oh! se este braço podéra  
A fria lousa quebrar,  
Este braço inda se erguêra  
Da tumba, para a salvar;  
Apontando-lhe a vingança,  
Inda lhe dera esperança,  
E empunhando a antiga lança,  
Á morte a fôra arrancar.

Mas eis marcado o momento  
No livro d'além dos céos...  
Eis a morte... o passamento...  
São findos os dias meus...  
Companheiros de victoria,  
De tantos dias de gloria,  
Guardae... guardae na memoria,  
D'Albuquerque o extremo adeus...

[58]

A morte... a morte... que aneio!  
Sinto um gêlo sepulchral...  
Abre-me, ó terra, o teu seio,  
Quero o repouso final...  
Desce, guerreiro cansado,  
Desce ao tumulto gelado...  
Mas a affronta... deshonrado...  
India... filho... Portugal!...

[59]

## A TI

Oh! quão formoso me surge o dia  
Lá quando a noite se inclina ao mar,  
Quando na aurora, que me extasia,  
Teu bello rosto cuida avistar!  
Não sei que esp'rança jámais sentida  
Então me adeja no peito aqui;  
É que na aurora saúdo a vida,  
Outr'ora escura, sem luz, sem ti.

Correm as horas, a noite avança,  
A lua brilha com meigo alvor;  
Então minha alma, que em paz descança,  
Divaga em sonhos d'ignoto amor.  
No véo d'estrellas, na branca lua  
Meus olhos buscam olhos que eu vi,  
E o pensamento longe fluctua,  
E uma saudade revôa a ti.

Eis que adormeço, e um anjo assoma  
Todo cercado d'etherea luz;  
De seus cabellos recende o aroma  
Das castas rosas que o céu produz.  
O céu me aponta, sorri-lhe a face;  
Acordo, e o anjo foge d'alli;  
Mas em meu peito logo renasce  
Doce esperança que vem de ti.

[60]

Já pela terra surgem verdores,  
Auras serenas baixam do céu,  
As aves cantam novos amores,  
Tudo se cobre d'um floreo véo;  
E céos e terra, montes, paizagem,  
Tudo a meus olhos, tudo sorri;  
É que alli vejo só tua imagem,  
E que hoje vivo mas só por ti.

Talvez que eu sinta meu pobre enleio  
Passar qual brilho de luz fugaz:  
Que importa? ao menos dentro em meu seio,  
Já morta a esp'rança, tu viverás.  
Oh! sim, que os dias são mais serenos  
Com tua imagem gravada alli;  
Té mesmo a morte custará menos,  
Junto ao sepulchro pensando em ti.

[61]

## INFANCIA E MORTE

«Ó mãe, o que fazes? em cama tão fria  
«Não durmas a noite... saíamos d'aqui...  
«Acorda! não ouves a pobre Maria,  
«Pequena, sósinha, chorando por ti?

«Porque é que fugiste da nossa morada,  
«Que alveja saudosa no monte d'além?  
«Depois que tu dormes na terra gelada,  
«Quão só ficou tudo mal sabes, ó mãe.

«A nossa janella não mais foi aberta,  
«O fogo apagou-se na cinza do lar,  
«As pombas são tristes, a casa deserta,  
«E as flores da Virgem se vão a murchar.

«Oh! vamos, não tardes... mas tu não respondes...  
«Em vão todo o dia meu pranto correu;  
«No fundo da cova teu rosto me escondes,  
«Não ouves, não fallas... que mal te fiz eu?

«Escuta! na torre de frestas sombrias  
«O sino da ermida começa a tocar...  
«Acorda! que o toque das Ave-Marias  
«Á imagem da Virgem nos manda rezar.

[62]

«A lampada exausta de Nossa Senhora  
«Ficou apagada, precisa de luz:  
«Oh! vem accendêl-a, e á Mãe que se adora  
«Alli rezaremos, e ao Filho na cruz.

«Depois á costura, sentada a meu lado,  
«Tu has de contar-me, bem junto de mim,  
«Aquellas historias d'um rei encantado,  
«De fadas e moiras, d'algun cherubim.

«A d'hontem foi triste, pois triste fallavas  
«De vida e de morte, d'um mundo melhor;  
«E o rosto cobrias, e muda choravas,  
«Lançando teus braços de mim ao redor.

«Depois em silencio teus olhos fechaste,  
«Tão pallida e fria qual nunca te vi;  
«Chamei-te era dia, mas não acordaste,  
«E em quanto dormias trouxeram-te aqui.

«Oh! vamos, não tardes, que as noites sombrias,  
«Sem ti a meu lado, me causam pavor;  
«Acorda! que o toque das Ave-Marias  
«Nos diz que rezemos á Mãe do Senhor.»

Taes eram as queixas da pobre Maria...  
O sino da ermida cessou de tocar...  
E a mãe entretanto dormia, dormia;  
Do somno da morte não pôde acordar.

[63]

Tres dias, tres noites a filha sósinha  
No adro da egreja por ella chamou...  
Ao fim do terceiro já força não tinha;  
Da mãe sobre a campa, gemendo, expirou.

[64]

# O CANTO DO LIVRE

## AO MEU AMIGO ALEXANDRE BRAGA

Gema embora a terra inteira  
Acurvada a iniquas leis:  
Esta fronte sobranceira  
Jámais de rojo a vereis.  
Oh! ninguém, ninguém a esmaga,  
Que eu sou livre como a vaga,  
Que sacode sobre a plaga  
O jugo d'altos baixéis.

Liberdade é o mote escripto  
No céu, na terra, e no mar!  
Dil-o a féra no seu grito,  
E as aves cruzando o ar;  
Dil-o o vento da procella,  
A vaga que se encapella,  
E nos espaços a estrella  
Em seu continuo gyrrar.

Dil-o tudo! mas ainda  
Mais livre me creou Deus  
Que os astros da altura infinda,  
Os ventos, e os escarcéos.  
Eu tenho mais liberdade  
D'esta alma na immensidade,  
Pois tenho n'ella a vontade,  
Tenho a razão, luz dos céos.

[65]

Eu sou livre! erguendo a fronte  
Diz-m'o uma voz na amplidão,  
Quando de pé sobre o monte  
Me elevo rei da soidão;  
Quando além do firmamento  
Alçando meu pensamento,  
Solto nas azas do vento  
Meu canto d'inspiração.

Eu sou livre! eis minha crença,  
Nem força contra ella val.  
Que um tyranno emfim me vença:  
Triumpharei por seu mal.  
Triumpharei, que algemado  
E diante d'elle arrastado,  
Sou livre! será meu brado  
Té ao momento final.

E que importa que o tyranno,  
Jurando vingança atroz,  
Faça erguer, sorrindo ufano,  
Um cutelo á sua voz?  
Minha fronte sempre erguida  
Ha de encaral-o atrevida,  
E só cahir abatida  
Ao rolar aos pés do algoz.

[66]

Mas nunca! pois fôra um preito  
Dar os pulsos ao grilhão.  
Tenho um ferro, e n'este peito  
Tenho um livre coração!  
Não! jámais serei captivo!  
Se vencido restar vivo,  
Cahirei, sorrindo altivo,  
Sob o punhal de Catão!

## SAUDADE

Assim, pallida lua, assim teu rosto  
 Fulgurava tranquillo n'essa noite  
 Em que o adeus lhe murmurei sentido;  
 Quando, após os momentos preciosos  
 Em que inda pude vê-la, inda escutal-a,  
 Afoitando meu animo indeciso,  
 Sua trémula voz me disse: parte...  
 Em tanto que uma lagrima furtiva  
 Lhe escorria na face melindrosa,  
 Mais pallida que a tua...

Astro saudoso;  
 Astro da solidão, quanto me aprazes!  
 Eu amo o teu silencio, amo o teu brilho,  
 Mais que do sol os importunos raios.  
 Que me importa d'esse astro a luz e a vida,  
 Se a luz e a vida me ficaram longe?  
 Se em meio do rumor que o dia espalha,  
 A voz não ouço que responde á minha?

Estes valles, e selvas, estes montes,  
 Á luz do dia, são talvez formosos;  
 Mas não é este o ar que ella respira,  
 Não são estes os sitios que ella encanta  
 Com seu mago sorriso. O dia é mudo;  
 Porém tu surges, solitaria amiga,  
 Tu vens fallar-me d'ella, astro saudoso.

[68]

Lua, d'esse aureo throno onde campeias,  
 Tu vês os sitios caros. Que faz ella?  
 Acaso, como pomba fatigada,  
 Repousa adormecida? Verte, ó lua,  
 Verte-lhe em torno o perfumado alento  
 Que a noite rouba ás orvalhadas flôres.  
 Mas não; talvez agora em mim pensando,  
 Agora mesmo sobre o teu semblante  
 Ella fixa tambem os olhos tristes,  
 E nossos pensamentos, nossas vistas  
 Se confundem em ti. Oh! não podermos,  
 Adejando como elles n'esse espaço,  
 Embora por momentos confundir-nos  
 Em teu regaço, deslembrando a ausencia!  
 Ao menos, astro amigo, ordena, ordena  
 Que o anjo da saudade, que em ti mora,  
 Desça, e lhe diga o que minha alma sente.

Oh! quando solto d'importunos laços,  
 Demandando outros céos, hei de já livre  
 Vê-la, ouvil-a, fallar-lhe? Quem o sabe?

Mas tu entanto, confidente meiga,  
 Em cada noite vem fallar-me d'ella;  
 E em meu peito sombrio e solitario  
 Derrama, envolto no teu doce brilho,  
 O balsamo suave da esperança.  
 Assim possas tu ser, benigna deusa,  
 A invocada dos tristes; e se acaso  
 Amas tambem, se algum remoto lago  
 Entre floridas margens escondido  
 Te prende as affeições, possas tu sempre

[69]

No crystallino azul de suas aguas  
Sem nuvens espelhar teu rosto ameno!

[70]

## AMOR E ETERNIDADE

Repara, doce amiga, olha esta lousa,  
E junto aquella que lhe fica unida:  
Aqui d'um terno amor, aqui repousa  
O despojo mortal, sem luz, sem vida.  
Esgotando talvez o fel da sorte,  
Poderam ambos descançar tranquilos;  
Amaram-se na vida, e inda na morte  
Não pôde a fria tumba desunil-os.  
Oh! quão saudosa a viração murmura  
    No cypreste virente  
Que lhes protege as urnas funerarias!  
E o sol, ao descahir lá no occidente,  
    Quão bello lhes fulgura  
    Nas campas solitarias!  
Assim, anjo adorado, assim um dia  
De nossas vidas murcharão flôres...  
Assim ao menos sob a campa fria  
Se reunam tambem nossos amores!

Mas que vejo! estremece, e teu rosto,  
Teu bello rosto no meu seio inclinas,  
Pallido como o lirio que ao sol posto  
    Desmaia nas campinas?  
Oh! vem, não perturbemos a ventura  
Do coração, que jubiloso ancia...  
Vem, gosemos da vida em quanto dura;  
Desterremos da morte a negra ideia!  
Longe, longe de nós essa lembrança!  
Mas não receies o funesto córte...  
    Doce amiga, descança:  
Quem ama como nós, sorri á morte.  
    Vês estas sepulturas?  
    Aqui cinzas escuras,  
Sem vida, sem vigor, jazem agora;  
Mas esse ardor que as animou outr'ora,  
Voou nas azas d'immortal aurora  
    A regiões mais puras.  
Não, a chamma que o peito ao peito envia  
Não morre extincta no funereo gêlo.  
O coração é immenso: a campa fria  
É pequena de mais para contêl-o.  
Nada receies, pois: a tumba encerra  
Um breve espaço e uma breve idade;  
E o amor tem por patria o céu e a terra,  
    Por vida a eternidade!

[71]

## O ESCRAVO

[72]

Tremes, escravo? baqueias  
Entre os muros da prisão?  
Vergado sob as cadeias  
Rojas a fronte no chão?  
Já da turba ao longe o grito  
Pede teu sangue maldito:  
Sentes, escravo proscripto,  
Vacillar teu coração?

Não sinto! nada perturba  
Minha alegria feroz:  
Nem o bramir d'essa turba,  
Nem a lembrança do algoz.  
Vinguei-me! nada me aterra.  
Curvae-vos, homens da terra!  
Contra mim jurastes guerra;  
Guerra jurei contra vós.

Eu era livre sem méta  
Como as ondas lá no mar;  
Era livre como a séta  
Quando sibila no ar:  
Foi vossa avidez tyranna  
Que me algemou deshumana.  
Ó minha pobre choupana!  
Ó florestas do meu lar!

[73]

Além, além nas florestas,  
Foi além onde eu nasci;  
Onde sem prisões funestas  
Já venturoso vivi.  
Foi dos bosques na espessura  
Que eu tive amor e ternura;  
Mas liberdade e ventura,  
Patria, amor, tudo perdi.

Perdi tudo! além da morte  
Já não me resta ninguém.  
Tinha um pae: a negra sorte  
Do filho soffreu também.  
Trouxe da patria distante  
O ferreo jugo aviltante,  
Inda eu era tenro infante  
Nos braços de minha mãe.

Minha mãe!... oh! quantas vezes  
Me vinha a triste abraçar,  
E carpindo os seus revezes  
Fitava os olhos no mar!  
Seu pranto cahia ardente,  
Em bagas, na minha frente;  
E eu, pobre infante innocente,  
Chorava de a vêr chorar.

[74]

Mais tarde, quando o navio  
Me trazia á escravidão,  
Nas praias do mar bravio  
Eu a vi cahir no chão;  
Via-a através dos espaços,  
Morrendo, estender-me os braços...  
Sacudi meus ferreos laços;  
Mas, ai de mim! era em vão.

Perdi-a! só me restava  
A virgem do meu amor,  
Que a mulher que eu adorava  
Quiz partilhar minha dôr.  
Mas tinha sua belleza  
Só d'um escravo a defeza...  
Devia, oh raiva! ser prêza  
De meu infame senhor.

E eu, soberbo vezes tantas,  
Curvei-me d'aquella vez:  
Arrastei ás suas plantas

[75]

Minha feroz altivez.  
Debalde! que o vil tyranno  
Escarneceu do africano;  
Maldição! vaidoso, ufano,  
Meu amor calcou aos pés.

--É minha, só minha a escrava:  
A ti, pertence o grilhão!--  
Disse, e o sangue me escaldava  
No fundo do coração.  
Da vingança a torva imagem  
Me sorriu, me deu coragem,  
No meu gemido selvagem  
Rugiu irado o leão.

Era noite!--negro sonho  
Que d'estes olhos não sae!--  
Era noite! em céu medonho  
Vi tua sombra, ó meu pae...  
Rojando um grilhão pesado,  
Teu espectro ensanguentado  
Se ergueu sombrio a meu lado,  
Sem dar um gemido, um ai...

Té que alçando a voz!--meu filho!  
Meu filho!--bradaste emfim,  
E os olhos turvos, sem brilho,  
Tinhas cravados em mim...  
Eu quiz lançar-me em teus braços,  
Quiz cingir-te em doces laços;  
Mas, fugindo aos meus abraços,  
Volvias a olhar-me assim.

[76]

Foste escravo... teu destino,  
Tua morte compr'hendi,  
E um nome, o do assassino,  
Delirando te pedi;  
Mas sem attender a nada,  
Erguendo a dextra myrrhada,  
--Vingança!--com voz irada  
Bradaste, e não mais te vi.

Sim, vingado foi teu sangue  
Por este braço a final,  
Que um d'elles cahiu exangue  
Aos golpes do meu punhal.  
Era amargo o fel da taça:  
Vinguei a nossa desgraça  
N'um dos tigres d'essa raça,  
No sangue do meu rival.

Vinguei o meu e teu jugo!  
Que importam ferreos grilhões,  
O cadafalso e o verdugo,  
O supplicio e as maldições?  
Entre os gôsos da vingança  
Reluz emfim a esperança;  
Já não receio a lembrança  
De seus cruentos baldões.

[77]

Sinto correr-me nas veias  
O fogo que lhe ateei...  
Quebrai-vos, duras cadeias,  
Escravo não mais serei...  
Sou livre! a morte o proclama  
N'este peito que se inflamma...  
Já n'elle circula a chamma  
Do veneno que eu tomei!

## O ANJO DA HUMANIDADE

Era na estancia crystallina e pura,  
Que além do firmamento rutilante  
Se ergue longe de nós, e está segura  
Em milhões de columnas de diamante;  
Jerusalém celeste onde fulgura  
Do eterno dia o resplendor constante,  
E onde reside a gloria e magestade  
D'Aquelle que povôa a immensidade.

Na mansão mais recondita e profunda  
A soberana Essencia o throno encerra,  
D'onde a fonte de amor brota fecunda,  
Os astros animando, os céos e a terra;  
Um mar de luz seus penetraes circumda,  
Que o proprio archanjo deslumbrado aterra,  
Luz que em triangulo ardente se condensa  
Quando o Eterno os oraculos dispensa.

Por toda a parte o azul e as pedrarias  
Na cidade divina resplandecem;  
Mil arcadas de soes, mil galerias  
De brilhantes estrellas, a guarnecem;  
Os anjos em lustrosas jerarchias  
Nas harpas d'ouro melodias tecem,  
Outros em córos adejando vôam,  
E d'aromas e canto o céu povôam.

[79]

Eis de repente nos umbraes divinos,  
Sobre as azas pairando, um anjo entrava,  
Parecendo de sitios peregrinos  
Que ás regiões celestes assomava;  
Cruzando o empyreo, as legiões, e os hymnos,  
Qual rapido luzeiro perpassava,  
Té que chegando ao throno do Increado,  
Nos ultimos degraus ficou poisado.

Pelos eburneos hombros o cabelo  
Em annelladas ondas lhe cahia;  
A saphira das azas sobre o gêlo  
Das roupagens luzentes refulgia.  
Mais brilhante não é, não é mais bello,  
Comparado com elle, o astro do dia,  
Ou a estrella que brilha quando a aurora  
De purpurina luz o céu colora.

Ao throno augusto levantou a frente,  
Mas com as azas a toldou ancioso,  
Não podendo soster o brilho ardente  
Que despedia o fóco luminoso.  
A milicia dos anjos resplendente  
Fixou attenta seu irmão formoso;  
Os concertos pararam, e elle entanto  
Assim fallou entre o geral espanto:

[80]

«Eterno Ser, que as divinaes moradas  
«Enches de gloria em magestoso assento,  
«Fonte de vida e creações variadas,  
«Que dás ao mundo poderoso alento;  
«A cujo acêno tremem abaladas

«As columnas do ethereo firmamento,  
«E cujo nome, que o universo entôa,  
«No céo, na terra, e nos abysmos sôa!

«Por teu mando supremo destinado  
«A conduzir a humana descendencia,  
«Desde que a mancha do cruel peccado  
«A fez cahir da primitiva essencia:  
«Venho a final, Senhor, de teu mandado  
«Dar-te conta fiel, apóz a ausencia;  
«Fazer-te ouvir da humanidade os prantos,  
«E aguardar teus preceitos sacrosanctos.

«Ordenaste-me, ó Deus, que sempre attento,  
«Proseguisse na terra a lei sob'rana  
«Que rege, na amplidão do firmamento,  
«A criação que de teu seio emana:  
«Essa lei de progresso e movimento  
«Tenho cumprido na familia humana,  
«Desde que ao mundo, a combater seu fado,  
«O desterrado do eden foi lançado.

[81]

«Primeiro, sobre a terra esclarecendo  
«Seus duvidosos passos vacillantes;  
«Depois, o justo e seu baixel sostenendo,  
«Nas aguas do diluvio sussurrantes:  
«De novo á terra, de pavor tremendo,  
«Conduzindo mais puros habitantes;  
«Mais tarde, junto ao berço do Messias,  
«Annunciando ao mundo novos dias.

«Agora, sobre as ruinas d'um imperio  
«Outro imperio de novo edificando;  
«Agora, as povoações d'um hemispherio  
«Sobre as d'outro hemispherio derramando;  
«Já do teu Verbo o divinal mysterio,  
«Com as sanctas doutrinas, propagando;  
«Já mostrando por fim á humanidade  
«Nova luz de justiça, e de verdade.

«Quantos velhos sophismas desterrados!  
«Quantos idolos falsos em ruinas!  
«Quantos sabios triumphos alcançados!  
«Quantas conquistas immortaes, divinas!  
«Calcando o pó dos seculos passados,  
«O homem corre ao fim que lhe destinas;  
«Mas ah! Senhor, no meio da tormenta  
«Seu valor esmorece e desalenta.

[82]

«Seu valor esmorece! tantas lidas,  
«Tanto lutar continuo das idades,  
«Tanto sangue e martyrios, tantas vidas,  
«Tantas ruinas d'imperios e cidades:  
«E o homem soffre, e as gerações perdidas  
«Se revolvem n'um mar de tempestades,  
«Sem vêr luzir esse fanal jucundo  
«Que por teu Filho prometteste ao mundo.

«Quantos males ainda! a lei sublime,  
«A lei d'amor que derramou teu Verbo,  
«Sobre a face da terra, á voz do crime,  
«Succumbe e morre por destino acerbo,  
«O ferreo jugo que as nações opprime,  
«Os humildes abate, ergue o soberbo,  
«E o rei da terra, sobre a terra escravo,  
«Soffre mesquinho seu eterno aggravado.

«Por toda a parte, em lastimoso accento,  
 «Se ouve gemer a humanidade afflicta.  
 «A terra, a mãe commum, nega alimento  
 «Dos filhos seus á multidão proscripta:  
 «Emquanto folga em vicios o opulento  
 «A indigencia cruel na choça habita,  
 «E a mãe, a mãe ao peito, em desalinho,  
 «Aperta morto á fome o seu filhinho.

«Entanto a guerra, que a ambição ateia,  
 «Ensanguenta as campinas e as cidades;  
 «A crua peste, que ninguem refreia,  
 «Converte as povoações em soledades;  
 «D'estes males crueis a terra cheia,  
 «Cobre-se inda de mil iniquidades;  
 «O vicio, o crime, a corrupção devora  
 «A pobre humanidade, como outr'ora.

«Ao vêr tanta miseria, o bom padece,  
 «O mau blasphema de teu nome sancto,  
 «A voz dos inspirados esmorece,  
 «O futuro se envolve em negro manto...  
 «Eu mesmo, eu mesmo, recolhendo a prece  
 «Que a humanidade te dirige em pranto,  
 «Subi confuso ao eternal assento,  
 «A depôr a teus pés meu desalento.»

Disse, e um gemido d'afflicção pungente,  
 Semelhante a dulcisona harmonia,  
 Soltou do peito, reclinando a frente  
 Com celeste e ideal melancholia:  
 Assim pendendo ao longe no occidente,  
 Se reclina saudoso o astro do dia;  
 Assim reclina a pallida açucena,  
 Açoitada do vento, a fronte amena.

[84]

Depois continuando: «ó Deus, quem ha de  
 «Sondar mysterios que teu seio esconde!  
 «Tuas leis divinaes, tua vontade  
 «Cumprerei sobre a terra. Eia responde:  
 «Os passos da mesquinha humanidade  
 «Aonde os levarei, Senhor, aonde?»  
 Uma voz retumbou no céo radiante,  
 Que ao anjo respondeu, dizendo:--ÁVANTE!

[85]

## PARTIDA

Ai, adeus! acabaram-se os dias  
 Que ditoso vivi a teu lado;  
 Sôa a hora, o momento fadado;  
 É forçoso deixar-te e partir.  
 Quão formosos, quão breves que foram  
 Esses dias d'amor e ventura!  
 E quão cheios de longa amargura  
 Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:  
 Já o outomno lhes despe os encantos;  
 Cedo o inverno com gelidos mantos  
 Baixará das montanhas d'além.  
 Tudo triste, sombrio, e gelado,  
 Ficará sem verdura nem flôres:  
 Tal meu seio, privado d'amores,

Ficará de ti longe também.

Não sei mesmo, não sei se o destino  
Me dará que eu te abrace na volta...  
Ai! quem sabe onde a vaga revolta  
Levará meu perdido baixel?  
Sobre as ondas, sem norte, e sem rumo,  
Açoitado por ventos funestos,  
Sumirá por ventura seus restos  
Nas voragens d'ignoto parcel.

[86]

Mas ah! longe esta ideia sombria!  
Longe, longe o cruel desalento!  
Apóz dias d'amargo tormento  
Virão dias mais bellos talvez.  
Dá-me ainda um sorriso em teus labios,  
Uma esp'rança que esta alma alimente,  
E na volta da quadra florente  
Eu co'as flôres virei outra vez.

Mas se as flôres dos campos voltarem  
Sem que eu volte co'as flôres da vida,  
Chora aquelle que em tumba esquecida  
Dorme ao longe seu longo dormir;  
E cada anno que o sôpro do outomno  
Desfolhar a verdura do olmeiro,  
Lembra-te inda do adeus derradeiro,  
D'este adeus que te disse ao partir!

[87]

## **CANTO DE PRIMAVERA**

Eis surge a quadra flórida,  
A quadra dos amores,  
Vertendo almos fulgores  
De seio juvenil.  
Tudo revive ao hálito  
Que a natureza aquece;  
Tudo rejuvenesce  
Á luz do ameno abril.

Os bosques odoriferos  
Se cobrem de verduras:  
Nos montes e planuras  
Renasce a tenra flôr;  
Dos perfumados zephyros  
Ás musicas suaves  
Se juntam das mil aves  
Os canticos d'amor.

Salvè, estação esplendida,  
Ó luz appetecida,  
Que á terra dando vida,  
A tudo dás prazer!  
Minha alma em doces extasis  
Festeja a tua vinda,  
E se ergue á luz infinda,  
Manancial do ser.

[88]

D'onde, ó calor benefico,  
Derivas teu alento?  
E d'onde o movimento  
Que dás á criação?

Do fóco sempre vívido  
Que anima a natureza  
Por toda a redondeza  
Da terra, e da amplidão.

Como nos campos fulgidos  
Espalha essas estrellas,  
Assim as flôres bellas  
Nos campos terreaes:  
Quão bello, ó Providencia,  
É teu poder fecundo,  
Enchendo o vasto mundo  
D'alentos immortaes!

Debalde o immenso vortice  
Retoma quanto gera:  
Tudo se regenera  
No perennal crisol,  
E tudo canta harmonico  
O Ser que, das alturas,  
Aos gélos dá verduras,  
Ás sombras novo sol.

[89]

Cantae, ó aves módulos,  
Cantae em côro ledó!  
Murmurios do arvoredó,  
Cantae a Jehovah!  
Campinas aromaticas,  
Erguei-lhe os mil perfumes  
Das flôres em cardumes  
Que a primavera dá!

Abriu-se o tabernaculo  
Da terra florescente;  
Todo sorri fulgente,  
Todo respira amor:  
Resoem n'elle os canticos  
De mystica harmonia,  
Dizendo noite e dia:  
--Hosanna ao Creador!

## CATÃO

[90]

Como em tarde anuviada,  
Em tarde de negros véos,  
Para a terra contristada  
Sorri o iris nos céos;  
Mas quando o sol esmorece,  
O iris desaparece,  
Tudo é negra escuridão;  
O mar ruge e se encapella,  
E nas azas da procella  
Corre bramindo o trovão:

Tal ao sol da liberdade  
Que sobre Roma luziu,  
Qual iris em tempestade,  
Catão á patria sorriu.  
Mas esse astro que fulgente  
Das aguias brilhára á frente,  
Do Capitolio baixou;  
E elle, o iris de bonança,  
Elle, de Roma a esperança,

[91]

Com seu fulgor expirou.

Contra as iras da tormenta,  
Ó forte, luctaste em vão:  
Que póde a virtude isenta  
Contra a geral corrupção?  
Já não luziam virtudes  
Como nos seculos rudes  
D'essa Roma consular;  
O templo da tyrannia  
A seus ministros abria  
As portas de par em par.

Inda infante, viste Mario  
De Roma o sangue beber;  
E envolvida n'um sudario  
A pobre Italia gemer.  
Viste Sylla, o monstro infando,  
Entre as cabeças folgando,  
Qual tigre no seu festim;  
E, infante, bradaste ufano:  
--Dae-me um ferro, e do tyranno  
Livremos a patria emfim!--

Não t'o deram: que lucrava  
O teu valor juvenil?  
D'um tyranno outro brotava,  
Nascia a guerra civil.  
Enxuto de Roma o pranto,  
Eis que envolto em negro manto  
Lá surge um conspirador:  
Scintilla a morte, a ruina  
No punhal de Catilina,  
De Catilina, o traidor.

[92]

Surge, vibora gerada  
Dos vicios no lodaçal!  
Sobre Roma descuidada  
Lança o veneno fatal!  
Eia, empunha o facho ardente!  
Entrega a patria innocente  
Aos punhaes da tua grei!  
E entre o sangue, á luz do incendio,  
N'um throno de vilipendio  
Vem sentar-te como rei!

Mas treme! lá sôa o brado  
De Marco Tullio, orador.  
Treme! Catão no senado  
Já dos teus vence o furor.  
Succumbiste, algoz ferino!  
Oh! mas vingate o destino  
Que Roma jurou perder.  
Catão, cobre-te de luto,  
Que da Gallia já escuto  
A guerra civil descer!

[93]

Gerou-a o triumvirato,  
Esse monstro d'ambição;  
Que as eras de Cincinnato,  
Essas eras já lá vão.  
D'olhos fitos sobre a Italia  
Eis desce o leão de Gallia,  
E Arimino já tomou.  
É Cezar! eil-o que assoma:  
Abre-lhe as portas, ó Roma,  
Que ás tuas portas chegou!

Eil-o parte, e já na Hespanha,  
Os tres legados venceu!  
Só em Dyrrachio lhe ganha  
A espada do grão Pompeu.  
Os mortos jazem aos centos:  
Sobre os seus restos sangrentos  
Um homem chora: é Catão.  
É elle que alli deplora  
Essa guerra assoladora,  
Guerra d'irmão contra irmão.

A liberdade expirava:  
O coração lh'o prediz.  
Roma, a livre, Roma escrava  
Ia dobrar a cerviz.  
Não se enganou: lá troveja  
O fragor d'alta peleja  
Em Pharsalia inda uma vez;  
Pompeu vacilla e fraqueia;  
A liberdade baqueia  
De Julio Cezar aos pés.

[94]

Eil-a que expira, eil-a morta...  
Oh que não! resurge além!  
Catão é vivo: que importa  
Quanto Cezar ganho tem?  
De Pharsalia aos naufragantes  
Sobre as areias distantes  
Da Lybia surge um fanal:  
São d'elle, d'elle as bandeiras  
Juntando as rotas fileiras  
Para um combate final.

Mas Cezar lá corre ovante,  
Vence Juba e Scipião;  
Tudo ante elle vacillante  
Se prostra emfim: maldição!  
Não tarda a hora funesta:  
De liberdade só resta  
Dentro d'Utica um fulgor.  
Inda Catão lá impera:  
É lá que o vencido espera  
As iras do vencedor.

[95]

Que venha, que ao seu aceno  
Curvado não ha de vêr  
Aquelle rosto sereno,  
Que nunca soube tremer.  
Caminha, Cezar altivo,  
E acharás em teu captivo,  
Em vez de preito, o desdem!  
Sabes vencer, porém corre,  
Vem saber como se morre,  
Aprende a morrer tambem!

Catão, Catão, eis chegado  
O momento de partir!  
Com que rosto socegado  
Te vejo á morte sorrir!  
Antes do golpe supremo  
Tu paras inda no extremo  
A meditar com Platão:  
Assim a aguia alterosa  
D'alta penha cavernosa  
Mede sublime a amplidão.

E depois assim como ella,  
Das nuvens rompendo o véo,  
Adeja sobre a procella,

[96]

Deixa a terra, e busca o céu:  
Tal co'a dextra sempre ousada  
Cravando no seio a espada,  
Partiste d'alma os grilhões;  
E d'entre os vaivens da sorte  
Voaste, calcando a morte,  
Às ethereas regiões.

Cezar vence, e ao Capitolio  
Lá sobe triumphador;  
Roma cahe do altivo solio,  
Rojando aos pés d'um senhor.  
Catão, o livre, expirára...  
No suspiro que exhalára  
A liberdade voou.  
Começava o negro imperio  
Que um Caligula, um Tiberio,  
Um Nero, monstro, gerou.

Elle entanto, sepultado  
Nas praias junto do mar,  
Lá dormia descançado  
Sob a lagea tumular.  
Alli a queixosa vaga  
Vinha, rolando na plaga,  
Beijar do livre a mansão;  
E inda fallar com saudade,  
Da patria, da liberdade,  
À estatua de Catão.

[97]

[98]

## IMITAÇÃO DO ISLANDEZ

Um dia eu te dizia:--se roubada  
Me fôres, vem buscar-me--e tu não crias  
Que eu podêsse abraçar-te inanimada,  
Beijar teus olhos, tuas mãos já frias.

Mas eu não te amaria, se inconstante  
Te podêsse esquecer na sepultura;  
Desbotou-se o frescor de teu semblante,  
Mas inda adoro tua imagem pura.

Apagou-se em teus labios o ar da vida,  
Mas um sôpro immortal veio animar-te;  
E tu inda és formosa, inda és querida  
Ao que na terra começou a amar-te.

Não me deixes em misero abandono;  
Escuta ao longe, escuta a minha prece:  
Quando uma noite a viração do outomno  
Gemer em nossas rochas, apparece!

E se a lua brilhar, se de passagem  
Me estenderes a mão d'etherea alvura,  
Eu surgirei por vêr a tua imagem,  
Por ouvir tua voz serena e pura.

[99]

Depois, anjo celeste, no meu seio  
Repousa a fronte, aperta-me em teus braços;  
Deixa que eu te acompanhe sem receio,  
D'esta existencia desatando os laços.

Sobre a aurora do polo arrebatados  
Vamos, no seio d'immortaes venturas,  
Em nuvens d'ouro e purpura embalados,  
Cantar, sonhar, dormir n'essas alturas.

[100]

## Á MORTE

### DO MEU AMIGO LICINIO F. C. DE CARVALHO

Morreste, amigo, partiste  
D'esta mansão passageira!  
Bem depressa da carreira  
Tocaste a méta fatal!  
Com a folhagem dos bosques  
Gelou-te o vento do outomno,  
E dormes o longo somno  
Do teu leito sepulchral!

Já tua mão extremosa  
Não aperta a mão do amigo  
Que tantas vezes contigo  
Em sonhos vãos delirou.  
No seio da fria terra  
Já não me escutas nem fallas,  
Contando lutos ou galas  
Do teu viver que passou.

Oh! quantas vezes, immersos  
N'esses intimos enleios,  
Que fazem um de dous seios,  
Sentimos horas fugir!  
Quantas, sonhando horisontes  
De poesia, amor, ou gloria,  
N'uma expansão transitoria  
Creamos longo porvir!

[101]

E morto jazes, ai! morto,  
Sem poder de teus anhelos  
Realisar os sonhos bellos,  
Cruzar a vasta amplidão?!  
Morto sem ter dito ao mundo  
A palavra augusta e sancta  
Que a turba anciosa espanta,  
E que é do genio o condão?!

Morto á luz da tua aurora  
Sem que á luz da tua sesta  
Podésses, na hora funesta,  
Sorrir ao passado teu?!  
Morto, ai, morto sem ter ganho  
Mais lagrimas de saudade,  
Tão doces á soledade  
D'aquelle que já morreu?!

Deus! se a vida é campo ameno  
Onde se vem colher flôres,  
Porque, do sol aos fulgores,  
Não se hão de as flôres colher?  
Se é deserto ingrato e rude,  
Onde não brota uma fonte,  
Porque ha de em nosso horisonte  
A luz do dia nascer?

[102]

Mas dorme, descança, amigo,  
Que a vida é o deserto ás vezes...  
Estrada de mil revezes,  
E de voragens fataes...  
E que é o poeta? o viajante  
Que fere os pés nos abrolhos,  
Em quanto levanta os olhos  
Ás regiões divinaes.

Ave estrangeira que passa  
N'este clima procelloso,  
Com seu canto mavioso  
Levando as turbas d'apóz;  
Mas que chora de saudade  
Por sua patria querida,  
Té que a final abatida  
Cahe sem alento, e sem voz.

Descança! no frio leito  
De teu eterno repouso,  
Não te irá o sol formoso  
Cada manhã despertar;  
Mas tambem, da aurora á noite,  
Não calcarás os espinhos  
Que em teus agrestes caminhos  
Verias da flôr a par.

[103]

Lá não irão festejar-te  
Ruidosos echos do mundo,  
Que dizem, no som profundo,  
Qual é do genio o poder;  
Mas tambem tuas corôas  
Não regarás com teu pranto,  
Nem a inveja em negro manto  
Tua estrella ha de envolver.

Descança! que digo! surge!  
Ergue-te á luz, ó poeta,  
E revôa aonde inquieta  
Te levava a inspiração!  
Sonhaste mundos brilhantes,  
Sonhaste amor e poesia:  
No paiz do eterno dia  
Vae colher teu galardão!

Vae! das plagas do desterro  
Eis-te a final resgatado:  
Procura regenerado  
A patria que te sorri!  
Lá terás as harmonias  
Que soltam milhões d'espheras,  
E florentes primaveras  
Quaes não terias aqui.

[104]

Lá gosa! lá, sacudido  
Sobre a terra o terreo manto,  
Desprende teu novo canto  
De novos soes ao fulgor!  
E, se lá póde chegar-te  
Esta nota de saudade,  
Escuta a voz da amizade  
Entre os mil hymnos do amor!

[105]

## O MENDIGO

Nas torres soberbas da grande cidade  
O sol desmaiado não tarda a morrer;  
Recrescem as sombras: que importa? a vaidade  
No manto das sombras envolve o prazer.

E o velho entretanto lá sóbe a montanha,  
Caminha, caminha, no cimo parou:  
Em frigiditas gottas o rosto lhe banha  
Suor copioso, que á terra baixou.

Quiz, antes da morte, nas serras distantes  
Fitar inda os olhos cançados da luz;  
A aldeia da infancia saudar por instantes,  
Depois satisfeito depôr sua cruz.

Olhou, e um suspiro de vaga saudade  
Juntou a seus prantos em funda mudez;  
Depois, ao volver-se, topando a cidade,  
Que em ebrio tumulto folgava a seus pés:

«Mal hajas, cidade, que ao pobre faminto  
«O pão da desgraça negaste cruel!  
«Mal hajas, mal hajas, que a terra do extinto  
«Talvez lhe negáras, á tumba infiel!»

[106]

E exhausto, e sem forças, cahiu de joelhos;  
E a fronte cançada firmou no bordão:  
Passados instantes, os olhos vermelhos  
Ao céu levantava, dizendo: perdão!

Cahiam-lhe soltas no collo vergado  
As longas madeixas em brancos anneis:  
Que nobre semblante de rugas sulcado,  
Sulcado dos annos, e mágoas crueis!

«Perdão para as vozes que solta a desgraça!  
«Perdão para o triste, perdão, ó meu Deus!  
«Bem hajas, que aos labios lhe roubas a taça  
«De fel e amarguras, abrindo-lhe os céos.

«Já filhos não tenho, levou-m'os a guerra;  
«Esposa não tenho, finou-se de dôr;  
«Amigos não vejo na face da terra:  
«Que faço eu no mundo? bem hajas, Senhor!

«Ás portas do rico bati sem alento,  
«Eu rico n'outr'ora, mendigo por fim:  
«O rico sem alma negou-me o sustento,  
«Aquelles que amava fugiram de mim.

«Vaguei pelo mundo, nas faces myrrhadas  
«Colhendo os insultos que ao pobre se dão;  
«Sem pão, sem abrigo, por noites geladas  
«Poisei minha frente nas lageas do chão.

[107]

«Que vezes a morte chamei sem alento,  
«Cançado dos annos, e fomes, e dôr!  
«A morte não veio: soffri meu tormento...  
«Só hoje me ouviste: bem hajas, Senhor!

«Os homens e o mundo negaram-me os braços,  
«Mas tu me recolhes, tu me abres os teus...  
«Minha alma te busca, desprende-a dos laços...  
«Perdão para todos, perdão, ó meu Deus!»

E um ai derradeiro soltou d'anciedade,  
Cahindo por terra nas urzes do chão;  
Ao longe, no seio da grande cidade,  
Brilhava das festas nocturno clarão.

[108]

## A VIDA

### A MEU IRMÃO

Que! lutar sempre em afanosa guerra  
Contra os rigores d'um feroz destino!  
A cada passo lacerar as plantas  
N'esta agra senda que nomeiam vida!  
Correr apóz um sonho, uma esperança  
Que leda nos sorria, e vê-la ao cabo  
Sumir-se, desfazer-se como o fumo!  
Ou, se tocamos o vedado pomo,  
Arrojal-o de nós, murcho e vasio!  
Alcançar por um bem, mil dissabores!  
Por uma hora de gôso, mil de prantos!  
Soffrer, sempre soffrer, não vir um dia  
Em que possamos exclamar: ventura!  
E é este o calix de aprazível nectar  
Que ao banquete do mundo nos convida?  
É este o eden que nos prende os olhos,  
E nos faz recuar ante o sepulchro?

Nascemos: com que pena á luz do dia  
Surgimos logo do materno seio!  
Filhos da dôr, obedecendo á origem,  
Nos vagidos da infancia a anunciamos;  
E ainda assim, no deslizar sereno  
Dos dias infantis, a vida encanta;  
A taça da existencia tem doçura,  
Como se o mel lhe coroasse a borda  
Para mais facil nos tentar os labios.  
O horisonte dos annos se dilata;  
Vem a idade do amor. Que bellos sonhos  
Em magico painel a vista illudem!  
Um ser, que a mente em chammas divinisa,  
Nosso oásis feliz anima todo,  
Bem como o sol anima a natureza,  
Ou a rosa do valle os floreatos prados.  
Mas quantos podem na manhã da vida  
Colher a rosa de seu mago enlevo?  
Quantos a estrella que adoraram crentes  
Sentem passar, e desfazer-se em breve,  
Não luzeiro do céu, porém da terra,  
Meteóro fugaz que baixa ao solo,  
E se dissipa redobrando a noite!

[109]

As illusões do amor se desvanecem:  
D'esse mundo feliz o homem baqueia  
E devorando a mágoa segue ávante.  
Prometheu afanoso, eil-o procura  
Dar alma e vida ás creações que inventa,  
Ai! já não bellas, mas de impura argilla.  
Honras, gloria, poder, bens de fortuna,  
Sciencia austera, festivaes prazeres,

[110]

A tudo se abalança, aspira a tudo,  
E em tudo encontra desenganos sempre.  
Ao ponto que fitára jámais chega,  
Ou, se o alcança, não lhe dura o gôso.

Ai do que envolto em miserandas faxas,  
Embalada sentiu a pobre infancia  
C'os gemidos da fome! Esse á ventura  
Quasi nem ousa levantar os olhos:  
Perpetuo desalento lh'os abate  
Á triste condição em que nascêra.  
Planta gerada n'um terreno esteril,  
Não se ergue altiva, não estende os ramos,  
Vive entre espinhos, e entre espinhos morre.  
Em vão se cança o triste: raras vezes  
A dura terra lhe concede o premio  
Do suor e das lagrimas que verte  
No seio ingrato d'essa mãe ferina.  
Um pão acerbo que amassou com pranto,  
É o alimento que reparte aos filhos;  
E o marco do caminho a cabeceira  
Onde desprende o moribundo alento.  
Ai d'elle! mas não menos desditoso  
O que em purpuras e ouro vendo o dia,  
Ou conduzido pela mão da sorte,  
Chegou aos cumes que a fortuna habita;

E, na posse dos bens que o mundo aneia,  
Palpou tremendo seu medonho nada.  
Este, empunhando o sceptro, empallidece  
Sentindo ás plantas vacillar-lhe o solio;  
No fastigio da gloria aquelle geme,  
Ao vêr o louro que lhe cinge a frente  
Pelo bafo da inveja emmurchecido.  
Um as honras consegue, e as vê sem preço;  
Outro as riquezas, e lamenta os dias  
Que mais bellos perdeu em seu alcance.  
Qual, a sciencia devassando ousado,  
Apóz longas vigalias estremece  
Da dúvida ante o espectro; qual ardente  
Das festas no rumor despende a vida,  
E a taça do prazer lhe deixa o enfado.

Feliz aquelle que em modesta lida,  
Isento da ambição e da miseria,  
No regaço do amor e da virtude  
A vida passa. Mais feliz ainda  
Se, das turbas ruidosas afastado,  
Á sombra do carvalho, entre os que adora,  
Sente a existencia deslizar tranquilla,  
Como as aguas serenas do ribeiro  
Que as herdades pacificas lhe banha.  
Mas, que digo! nem esse. Infindos males,  
Communs a todos, seu viver não poupam.  
D'um lado a crua guerra lhe sacode  
O facho assolador ás brandas messes;

A pallida doença, d'outro lado,  
Dos entes que mais ama o vae privando;  
E elle mesmo talvez, infausta prêsa  
D'essa serpente que nos liga á morte,  
Nos eculeos da dôr a vida exhaure.  
E, como se estes males não bastaram,  
Sua mesma virtude lhe é supplicio.  
Compassivo co'a dôr que os outros soffrem,  
A dôr alheia o atormenta ainda.  
Justo, adora a justiça; e, olhando em torno,  
A injustiça e oppressão verá reinando;  
Verá a innocencia victima do crime,  
A virtude humilhada, o vicio altivo,  
Os prantos da miseria escarnecidos,

[111]

[112]

Por toda a parte o mal, a dôr, e as queixas.  
Ai d'elle, ai d'elle, se um momento pára  
Na atroz contemplação de tantos males!  
Ai d'elle, que turbado e confundido,  
Em maldições blasphemará terrível  
Da virtude, de si, de Deus, de tudo!

Não! da vida no pélagó agitado  
Um abrigo não ha, não ha um porto  
Onde possamos descançar tranquillos.  
Em nós, dentro em nós mesmos, ruge irada  
A tempestade que evitar queremos.  
Como a serpente no crystal da lympha,  
Na alma serena o soffrimento mora;  
Não póde o gôso dos mais bellos dias  
Encher o abysmo que no seio temos. [113]  
Em vão, em vão anciamos a ventura:  
Somos na terra qual viajante exausto  
Que ouve o sussurro d'escondida fonte,  
E morre á sêde, sem poder tocal-a.

Vida, tremenda herança d'amarguras,  
Eu te hei sondado nos meus proprios males,  
E em meus irmãos na dôr, nos homens todos:  
Grilhão pesado que nos dá o berço,  
E que depômos nos umbraes da tumba.  
A lucta, a mágoa, eis os teus dons funestos.  
Mas d'onde a causa do soffrer eterno  
Que as gerações ás gerações transmittem?  
Que um seculo, tombando de cansaço,  
Como um pêso importuno lega ao outro?  
D'onde o crime feroz que um tal castigo  
Sobre nós attrahiu? Se um deus é justo,  
Que deus, que lei, sem escutar-nos, pôde  
A sentença lavar? Silencio é tudo!  
Em vão, para sabêl-o, em vão mil vezes  
Interoguei confuso o céo e a terra:  
O céo de bronze não me ouviu a prece,  
A terra obscura não me soube o enigma.  
Dos prophetas na voz, na voz dos sabios,  
A dúvida cruel achei sómente.  
Pedindo á morte a solução da vida,  
Desci ás tumbas, apalpei as cinzas;  
Quiz vêr se um echo da gelada campá  
Surgia á minha voz; mas foi de balde. [114]  
Frias ossadas, carcomidos restos  
De quem soffreu tambem, só me disseram  
Que tudo acaba alli. A terra, a terra,  
O seio impuro dos famintos vermes:  
Eis o refugio, a habitação amiga  
Que apóz a lucta nos espera ao cabo!

Morte, morte, bem vinda sejas sempre!  
Em nome da existencia eu te saúdo!  
Tu reinas pela dôr na especie humana,  
E, quem sabe? talvez n'esse universo;  
O sol, o mesmo sol envolto em sombras,  
Parece reflectir-te as negras azas;  
E acaso á tua voz, a cada instante,  
Um comêta voraz fulmina um globo.  
Porque inda tardas a empunhar o sceptro  
Que n'este ao menos te pertence ha muito?  
Ao desterrado do eden porque deixas  
O resto de poder que inda te usurpa?  
Eia, desprende sobre a terra as azas,  
Sobre esta criação que abandonada  
Talvez por seu author como imperfeita,  
Qual nau perdida em tormentosos mares,  
Vaga sem rumo n'esse espaço ethereo!

Mas que sinistra voz! Silencio, ó lyra!

Não mais prosigas teu cantar blasphemo!  
Fanal de salvamento, luz d'esp'rança  
Que na altura do Golgotha brilhaste,  
Desce á minha alma que a tristeza inunda!  
Desce! de todos resumindo as dôres  
O calix d'Elle foi o mais acerbo.  
Elle soffreu! Sofframos, e esperemos!  
Depois da noite escura vem o dia:  
Depois d'este desterro, a eterna patria!

[115]

## DESENGANO

[116]

Vejo-a ainda! resurge a meus olhos  
Como em tempos ditosos surgia,  
E, qual anjo de casta poesia,  
Desce ás vezes n'um sonho d'amor;  
Vejo-a ainda nos céos e na terra,  
Nos encantos e risos da aurora,  
E, se o dia nas ondas descora,  
Das estrellas no meigo fulgor.

Era a luz que brilhava em minha alma,  
Era o astro que em sombras luzira,  
Era o fogo sagrado que a lyra  
Ás doçuras d'amor acordou...  
Tudo é findo; de balde nas trevas  
Busco ainda seu facho luzente:  
Foi apenas um astro cadente,  
Meteóro fugaz que passou.

Pobre seio que ardente pulsaste  
Embalado por falsas venturas,  
O fanal que na terra procuras  
Sobre a terra jámais acharás.  
Não ha seio que entenda no mundo  
Esse ardor de teus vagos anhelos;  
Não ha luz que em seus raios mais bellos  
Não te esconda uma sombra fallaz.

[117]

Que te resta? um futuro vasio  
D'illusões que nutriu a esperança,  
E um passado de triste lembrança  
Como é triste a verdade sem véo...  
Olvidar! olvidar! que ao presente,  
Ai! só cabe o repouso do olvido.  
Olvidar! e que em gêlo sumido  
Seja o fogo que em chammas ardeu!

Sonho bello que esta alma illudiste,  
Chamma ardente nos céos ateadada,  
Vôa, vôa á celeste morada!  
Lá nasceste, do mundo não és.  
E tu, lyra de languidas cordas  
Que d'amor suspiraste em desleixo,  
Vae, oh, vae! em silencio te deixo...  
Vae, oh, vae para sempre talvez!

[118]

## AGAR

De Bersabé nos areaes ardentes  
O desmaiado sol ia esconder-se,  
E Agar, a expulsa Agar, gemendo afflicta,  
Unia ao peito o moribundo filho.  
O vaso d'agua que lhe dera o esposo  
Esgotára-se em breve, e no deserto  
Com seu pobre Ismael não descobrira,  
Desde o romper do dia, a anciada fonte.  
O dia declinava: eis que o infante,  
Que pela mão a acompanhava exausto,  
Ardendo em sêde lhe succumbe ás plantas.  
Ella vê-o cahir, ella estremece,  
E, os olhos turvos em redor lançando,  
Aqui e alli correndo, busca ainda,  
Mas debalde, um frescor. Emfim cançada,  
Ella mesma tambem, eis volve ao filho,  
Prostra-se, abraça-o, com maternos beijos  
Tenta anciosa prolongar-lhe a vida.

«Filho, meu filho--murmurava a triste--  
«Á sêde vaes morrer! Oh! se o podésse  
«Adivinhar teu pae, cruel não fôra;  
«E Sara, a propria Sara, enternecida  
«Emmudecêra seus fataes ciumes.  
«Oh! não gemas, não gemas, que debalde  
«Invocas tua mãe. Ella te escuta,  
«Mas não póde salvar-te: dentro em pouco  
«Em seu regaço exhalarás a vida.  
«E hei de eu vêr-te expirar? vêr n'esses olhos  
«Sumir-se a luz do dia? e n'essas faces,  
«Que tantas vezes me sorriram ledas,  
«Vêr as ancias da morte? Oh! não, não posso  
«Vêr morrer o meu filho.» Disse, e ao tronco  
D'uma arvore visinha o recostava;  
Depois, com tristes, vagarosos passos,  
Foi n'outros sitios aguardar a morte.  
Alli, ao vêr o sol que esmorecia,  
Desatou a chorar, e estes queixumes  
Em voz convulsa murmurou ainda:

[119]

«Sol do deserto, que o meu pobre filho  
«Vês expirando na soidão além,  
«Com teu suave derradeiro brilho  
«Beijar-lhe a face carinhoso vem!  
«Oh! vem, que eu triste n'essa face pura  
«Materno beijo nunca mais darei.  
«Perdi meu filho: sobre a terra dura  
«Correi, meus prantos, sem cessar correi!

«Quando o teu facho resurgir no oriente,  
«Tudo na terra sentirá prazer;  
«E lá nos campos de Mambré virente  
«Mais bella a rosa te verá nascer:  
«Só elle em sombras d'uma noite escura  
«Adormecido ficará, bem sei.  
«Perdi meu filho: sobre a terra dura  
«Correi, meus prantos, sem cessar correi!

[120]

«Por mim não choro, que infeliz escrava  
«Meus tristes dias findarei aqui:  
«Ai! choro aquelle que no mundo amava,  
«Choro meu filho que expirando vi.  
«Maternos mimos, filial ternura,  
«Lembrae-me os tempos que feliz gosei!  
«Perdi meu filho: sobre a terra dura  
«Correi, meus prantos, sem cessar correi!

«Oh! quem dissera nos passados dias  
«Em que ao meu collo te cerquei d'amor,

«Oh! quem dissera que a morrer virias  
«N'este deserto, sem achar frescor?  
«Emmurcheceste, já não tens verdura,  
«Mimoso arbusto que gentil criei!  
«Perdi meu filho: sobre a terra dura  
«Correi, meu prantos, sem cessar correi!

«Tantas esp'ranças, que o Senhor gerára  
«Na escrava humilde, findarão assim.  
«Foi mais feliz a geração de Sara:  
«Cruel destino só me coube a mim.  
«Em vão, em vão me prometeu futura  
«Longa progenie: sem ninguém fiquei.  
«Perdi meu filho: sobre a terra dura  
«Correi, meus prantos, sem cessar correi!

[121]

«Quem, ó meu filho, n'este solo ardente,  
«Quem no jazigo te virá deitar?  
«Dizer-te:--dorme--e, reclinando a frente  
«No teu sepulchro, sobre ti chorar?  
«Eu não, que em breve n'esta plaga obscura  
«Tambem já morta como tu serei.  
«Perdi meu filho: sobre a terra dura  
«Correi, meus prantos, sem cessar correi!

«Aves agrestes que me ouvis as queixas,  
«Com tristes vozes o seu fim choraes!  
«Brizas do ermo, suspirae-lhe endeixas!  
«Astros da noite, seu dormir velae!  
«Velaes-o todos, que a final ventura  
«Que vos reservo nem sequer terei.  
«Perdi meu filho: sobre a terra dura  
«Correi, meus prantos, sem cessar correi!

Mas Deus! que viu ella,  
Que um ai desprendeou?  
Que pomba tão bella  
No manto do céo!  
Que pennas de prata,  
D'azul, d'escarlata,  
O espaço retrata  
Serenos, sem véo!

[122]

É anjo voando!  
Que brilho que tem!  
Que véos ondulado  
De pura cecem!  
Que anneis de cabelo  
Nos hombros de géllo,  
No collo tão bello  
Cahindo ao desdem!

Descendo, descendo,  
Já perto chegou;  
E a pobre tremendo  
Calada ficou;  
E o anjo sorria  
Com doce magia,  
E á terra descia,  
Na terra poisou.

E em roda mil lumes  
De brilho sem fim  
Lançava, e perfumes  
De nardo e jasmim;  
E a voz argentina,  
Suave, divina,  
Soltou peregrina,

[123]

Fallando-lhe assim:

«O que fazes, Agar, porque choras?  
«Nada temas, não tens que temer:  
«Se o teu filho perdido deploras,  
«Esses prantos converte em prazer.

«Do deserto chegou seu gemido  
«Às alturas que habita o Senhor:  
«Surge, surge, e teu filho querido  
«Vae ao longe buscar sem temor!

«Surge, surge, recobra a esperança,  
«Que as promessas cumpridas serão!  
«O teu filho, o Senhor t'o afiança,  
«Será pae d'uma grande nação.

«Gloria a Deus que no céu ouve as mágoas  
«De quem soffre na terra a carpir!  
«Eis um jorro de limpidas aguas:  
«Ide n'ellas a sêde extinguir!»

E, assim dizendo, lhe mostrava perto  
Uma fonte escondida entre verduras,  
Como nunca se vira no deserto,  
De tão grato frescor, d'aguas tão puras.

[124]

Depois, batendo as esmaltadas pennas,  
Deixou na terra um luminoso traço;  
E, agitando seu manto d'açucenas,  
Sumiu-se ao longe na amplidão do espaço.

Erguendo aos céos a radiosa fronte,  
A pobre mãe ao Senhor Deus louvava;  
E, enchendo o vaso no crystal da fonte,  
Com elle ao filho a salvação levava.

[125]

## **MARIA, A CEIFEIRA**

### **(IMITAÇÃO DE UHLAND)**

«Bons dias, Maria: da lida do prado  
«Nem mesmo te afastam cuidados d'amor.  
«Se ao fim de tres dias m'o deixas ceifado,  
«A mão de meu filho te quero propôr.»

Promessa é do rico, soberbo rendeiro:  
Maria, oh! quão ledos seu peito bateu!  
Seus olhos brilharam, seu braço ligeiro  
Mais forte nas messes a foice moveu.

Soou meio dia: que ardente secura!  
Já todos demandam a fonte, o pinhal;  
Sómente nos ares a abelha murmura:  
Maria não pára, que é sua rival.

O sol esmorece, bateram trindades;  
Debalde o visinho lhe grita: bastou!  
Zagaes e ceifeiros se vão ás herdades:

Maria, co'a foice, lidando ficou:

O orvalho desliza; desponta a seu turno  
A estrella no espaço, na selva o cantor:  
Maria, insensível ao bardo nocturno,  
A foice incansável agita ao redor.

[126]

Os dias e as noites assim por taes modos,  
Nutrida d'amores, mal sente passar.  
Tres dias findaram; oh! vinde vêr todos  
Maria ditosa d'esp'rança a chorar.

«Bons dias, Maria: já tudo ceifado!  
«Lidaste devéras: a paga has de ter.  
«Emquanto a meu filho, foi graça o tratado:  
«Quão loucos e simples o amor nos faz ser!»

Tal disse, e passava... no peito constante,  
Ai pobre Maria, que transe cruel!  
Teu corpo formoso tremeu vacillante,  
E exhausta cahiste, ceifeira fiel.

Um anno a coitada, sósinha comsigo,  
Vivendo de fructos, vagou sem fallar...  
No prado mais verde cavae-lhe o jazigo:  
Ceifeira como esta jámais heis de achar.

[127]

## O FIRMAMENTO

### AO MEU AMIGO J. S. DA SILVA FERRAZ

Gloria a Deus! eis aberto o livro immenso,  
O livro do infinito,  
Onde em mil letras de fulgor intenso  
Seu nome adoro escripto.  
Eis de seu tabernaculo corrido  
Uma ponta do véo mysterioso:  
Desprende as azas remontando á vida,  
Alma que anceias pelo eterno góso!

Estrellas que brilhaes n'essas moradas,  
Quaes são vossos destinos?  
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas  
De seus umbraes divinos.  
Pullulando do seio omnipotente,  
E sumidas por fim na eternidade,  
Sois as faiscas de seu carro ardente  
Ao rolar através da immensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,  
Um sol que apenas vejo,  
Monarcha d'outros mundos como a terra  
Que formam seu cortejo.  
Ninguem póde contar-vos: quem podéra  
Esses mundos contar a que daes vida,  
Escuros para nós qual nossa esphera  
Vos é nas trevas da amplidão sumida?

[128]

Mas vós perto brilhaes, no fundo accêsas  
Do throno soberano:  
Quem vos ha de seguir nas profundezas

D'esse infinito oceano?  
E quem ha de contar-vos n'essas plagas  
Que os céos ostentam de brilhante alvura,  
Lá onde sua mão sostem as vagas  
Dos soes que um dia romperão na altura?

E tudo outr'ora na mudez jazia,  
Nos véos do frio nada:  
Reinava a noite escura; a luz do dia  
Era em Deus concentrada.  
Elle fallou! e as sombras n'um momento  
Se dissiparam na amplidão distante!  
Elle fallou! e o vasto firmamento  
Seu véo de mundos desfraldou ovante!

E tudo despertou, e tudo gyra  
Immerso em seus fulgores;  
E cada mundo é sonora lyra  
Cantando os seus louvores.  
Cantae, ó mundos que seu braço impelle,  
Harpas da criação, fachos do dia,  
Cantae louvor universal Àquelle  
Que vos sustenta, e nos espaços guia!

[129]

Terra, globo que geras nas entranhas  
Meu ser, o ser humano,  
Que és tu com teus vulcões, tuas montanhas,  
E com teu vasto oceano?  
Tu és um grão d'areia arrebatado  
Por esse immenso turbilhão dos mundos  
Em volta de seu throno levantado  
Do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho  
Que soberbo te elevas,  
Buscando sem cessar abrir caminho  
Por tuas densas trevas?  
Que és tu com teus imperios e colossos?  
Um átomo subtil, um froixo alento:  
Tu vives um instante, e de teus ossos  
Só restam cinzas que sacode o vento.

Mas ah! tu pensas, e o gyrar dos orbes  
À razão encadeias;  
Tu pensas, e inspirado em Deus te absorbes  
Na chamma das ideias:  
Alegra-te, immortal, que esse alto lume  
Não morre em trevas d'um jazigo escasso!  
Gloria a Deus, que n'um átomo resume  
O pensamento que transcende o espaço!

[130]

Caminha, ó rei da terra! se inda és pobre,  
Conquista aureo destino,  
E de seculo em seculo mais nobre  
Eleva a Deus teu hymno!  
E tu, ó terra, nos floridos mantos  
Abriga os filhos que em teu seio geras,  
E teu canto d'amor reune aos cantos  
Que a Deus se elevam de milhões d'espheras!

Dizem que já sem forças, moribunda,  
Tu vergas decadente:  
Oh! não, de tanto sol que te circumda  
Teu sol inda é fulgente.  
Tu és joven ainda: a cada passo  
Tu assistes d'um mundo ás agonias,  
E rolas entretanto n'esse espaço  
Coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai! tu findarás! além scintilla  
Hoje um astro brilhante;  
Ámanhã eil-o treme, eil-o vacilla,  
E fenece arquejante:  
Que foi? quem o apagou? foi seu alento  
Que extinguiu essa luz já fatigada;  
Foram seculos mil, foi um momento  
Que a eternidade fez volver ao nada.

[131]

Um dia, quem o sabe? um dia, ao pêso  
Dos annos e ruinas,  
Tu cahirás n'esse vulcão accêso  
Que teu sol denominas;  
E teus irmãos tambem, esses planetas  
Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,  
Attrahidos emfim, quaes borboletas,  
Cahirão como tu na mesma chamma.

Então, ó sol, então n'esse aureo throno  
Que farás tu ainda,  
Monarcha solitario, e em abandono,  
Com tua gloria finda?  
Tu findarás tambem, a fria morte  
Alcançará teu carro chammejante:  
Ella te segue, e prophetiza a sorte  
N'essas manchas que toldam teu semblante.

Que são ellas? talvez os restos frios  
D'algum antigo mundo,  
Que inda referve em borbotões sombrios  
No teu seio profundo.  
Talvez, envôlta pouco a pouco a frente  
Nas cinzas sepulchraes de cada filho,  
Debaixo d'elles todos de repente  
Apagarás teu vacillante brilho.

[132]

E as sombras poisarão no vasto imperio  
Que teu facho alumia;  
Mas que vale de menos um psalterio  
Dos orbes na harmonia?  
Outro sol como tu, outras espheras  
Virão no espaço descantar seu hymno,  
Renovando nos sitios onde imperas  
Do sol dos soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! um dia meditando  
Outro céu mais perfeito,  
O céu d'agora a seu altivo mando  
Talvez caia desfeito.  
Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,  
Qual bando d'aguias na amplidão disperso,  
Chocando-se em destroços fumegantes,  
Desabarão no fundo do universo.

Então a vida, refluindo ao seio  
Do fóco soberano,  
Parará concentrando-se no meio  
D'esse infinito oceano;  
E, acabado por fim quanto fulgura,  
Apenas restarão na immensidade--  
O silencio aguardando a voz futura,  
O throno de Jehovah, e a eternidade!

[133]

[134]

## TRISTEZA

Extingue-se o anno, são findos os dias  
Que os valles encheram de pródida luz;  
O inverno c'roado de nevoas sombrias,  
Seus pallidos gêlos á terra conduz.

O rio em torrentes inunda as campinas,  
As veigas perderam seu floreo matiz,  
Pesada tristeza reveste as collinas,  
E as selvas que ha pouco sorriram gentis.

Em tudo a meus olhos avulta uma imagem  
De triste abandono, de mystica dôr:  
Apraz-me este luto que veste a paizagem,  
Apraz-me esta scena d'extincto verdor.

Como estas campinas outr'ora florentes,  
Meus dias formosos floriram tambem;  
Como ellas agora, meus dias cadentes,  
Despidos de encantos, já viço não tem.

Quão rico de gôsos o tempo corria!  
Quão triste o presente, quão pobre ficou!  
Só resta a saudade, qual vaga harmonia  
Que uma harpa nocturna de longe soltou.

[135]

Mas essa que vale perdida a esperança?  
Que vale um passado que já não é meu?  
Á flôr desbotada que importa a lembrança  
Da aurora suave que aroma lhe deu?

Um dia outra quadra mais bella e mais pura  
Virá de boninas ornar os vergeis;  
Mas vós, ó meus tempos d'amor e ventura,  
Sois findos p'ra sempre, jámais voltareis.

Sondando o futuro, minha alma conhece  
Que os ermos do mundo já rosas não tem:  
Já tudo succumbe, já tudo fenece,  
O sol da ventura, e a esp'rança tambem.

Té mesmo em meu peito vacilla agitada  
A chamma da vida perdendo o calor;  
Meus dias declinam qual luz desmaiada  
Que doira as montanhas com tibio fulgor.

Se tudo, ah! se tudo findou no passado,  
Se as trevas se estendem nos céos do porvir,  
Que esperas, minha alma? do livro do fado  
São negras as folhas: só resta partir.

Ao longe, quem sabe? sulcando as alturas,  
Jardins mais formosos verás na amplidão,  
De flôres eternas, d'eternas verduras  
Que os gêlos da terra jámais seccarão.

[136]

Temendo os rigores do outomno visinho,  
As aves adejam buscando outros céos:  
Tu és, ó minh'alma, qual ave sem ninho,--  
Procura outros climas, rasgando os teus véos!

## A MÃE E A FILHA

--Filha, filha, que linda alvorada!  
Anda vêr este sol a nascer:  
Ha tres dias que gemes deitada,  
Mas já hoje sorris de prazer.

--Oh! que sonhos d'encantos divinos!  
Tudo em roda luzia em fulgor,  
E mil anjos cantavam seus hymnos  
Em jardins d'açucenas em flôr.

Era longe dos olhos humanos,  
N'uma terra mui longe d'aqui...  
Oh! que mundo tão livre d'enganos!  
Oh! que vida que n'elle vivi!

\*

--Olha o sol que tão bello se esconde  
Nas montanhas sombrias d'além...  
Tão calada, tão triste! responde,  
Que tens tu, minha filha, meu bem?

Vou na patria d'eternos amores,  
Vou ao longe ditosa viver,  
Mas, no seio de mundos melhores,  
Ai! não te hei de a meu lado já vêr!  
Eis um anjo que desce os espaços...  
Que harmonias! que brilho sem fim!  
Mãe, oh mãe, dá-me ainda os teus braços...  
Já não soffro, não chores por mim.

[138]

[139]

## O MOSTEIRO DA BATALHA

Pulsemos a lyra, que além se levanta  
Padrão de victoria que immenso reluz!  
Um templo e altares á Mãe sacrosancta;  
Um templo, um poema que altivo descanta  
Grandezas da patria nos atrios da cruz.

Grandezas da patria quem traz á memoria  
Que o peito não sinta d'orgulho bater?  
Pulsemos a lyra! do livro da historia  
Volvamos as folhas, que a musa da gloria  
Em nuvens ethereas sentimos descer!

\*

Eis já d'Aljubarrota nas campinas  
Se encontraram as hostes contendoras.  
D'aqui tremulam portuguezas quinas:  
D'além as castelhanas invasoras.  
D'aqui é João primeiro, cuja lança  
A corôa defende e a patria cara:  
D'além o estranho rei, pedindo a herança

Da princeza Beatriz que desposára.

Refulge o sol nas armas, os cavallos  
Rincham fogosos escarvando a terra;  
D'um lado e d'outro os chefes a intervallos  
Correm as alas animando á guerra.  
Pouco avultam as hostes portuguezas:  
Tremendo é de Castella o poderío;  
Mas quem á patria negará proezas  
D'alto valor, e generoso brio!

[140]

A vespera é do dia consagrado  
Á Assumpção gloriosa de Maria;  
Os olhos levantando, o rei soldado:  
«Senhora, exclama, nosso esforço guia!  
«Se vencermos, um templo magestoso  
«Te erguerei sobre o campo da batalha!»  
Diz, e esporeando seu corcel fogoso  
Brios em todos com a voz espalha.

Soam trombetas; o signal é dado;  
Fluctuam soltos os pendões na frente:  
--Sam Tiago!--brada o castelhano ousado;  
--Sam Jorge e ávante!--a portugueza gente.  
Rédeas soltando os esquadrões galopam,  
E dão em cheio com furor insano,  
Como torrentes que no val se topam,  
Ou como as ondas no revolto oceano.

Retine o ferro, a multidão se agita;  
As hachas d'armas, os broqueis lampejam;  
Piões, ginetes, com medonha grita,  
N'um mar de sangue em turbilhão pelejam.  
O sol já desce a mergulhar no oceano,  
E inda referve a encarniçada lida;  
Eis redobra d'esforço o lusitano,  
E o estrangeiro leva de vencida.

[141]

Foge o rei castelhano espavorido;  
Fogem os seus em debandada solta;  
Persegue-os João primeiro, e destemido  
A gosar do triumpho ao campo volta.  
Já se erigem trophéos, já resplandece  
O céo da patria c'o fulgor da gloria;  
Faltava o monumento que dissesse:  
--Foi aqui! eis o campo da victoria!

\*

E eil-o ahi que se levanta  
Com magestosa grandeza,  
D'aquella gentil proeza  
Sublime recordação;  
Eil-o ahi aos céos erguido,  
Como um colosso gigante  
Apontando ao caminhante  
O sitio da grande acção.

Altos porticos, lavores  
D'ostentosa architectura,  
Corucheus d'immensa altura  
Roçando a fronte nos céos;  
Dentro, a nobre magestade  
Do sanctuario profundo,  
Onde, extincta a voz do mundo,  
Só lembra o passado, e Deus.

[142]

Sobre os gothicos pilares

Brilham tremulos fulgores,  
Que das vidraças de côres  
Entorna a mystica luz.  
Tudo cala, mas, se o orgão  
Por entre as naves resôa,  
Tudo se anima, e apregôa  
O sancto Verbo da cruz.

Então a mente se enleva  
Nas torrentes de harmonia  
Que da abobada vasia  
Retumbam pela amplidão;  
E, abrazada nos fulgores  
Dos vivos, sagrados lumes,  
Sobre as azas dos perfumes  
Revôa á etherea mansão.

Se tudo cahe em silencio,  
Cahe em si mesma, e medita,  
Recordando a data escripta  
N'esses gothicos umbraes.  
Pensa então nos heroismos,  
E crenças da meia idade,  
Combatendo a escuridade  
D'aquelles tempos feudaes.

[143]

Pensa nos vultos heroicos  
Dos antigos cavalleiros,  
E em nossos feitos guerreiros  
Pela patria e pela cruz;  
Pensa na grande victoria  
Que nos fez independentes,  
E que aos olhos dos presentes  
N'esse moimento reluz;

Pensa n'um povo pequeno,  
Mas esforçado e guerreiro,  
Triumphando do estrangeiro  
À voz do rei popular;  
Pensa no Mestre valente;  
E sua sombra gigante  
Parece ás vezes distante  
Entre as columnas vagar.

E pensa tambem no artista,  
N'esse architecto inspirado  
Que um poema sublimado  
Alli traçou a cinzel;  
Que cego da luz dos olhos  
Accendeu a luz do engenho,  
E consummou seu empenho,  
Ao grande assumpto fiel.

[144]

E Affonso Domingues surge  
N'esse padrão sobranceiro  
Ao lado de João primeiro,  
Seu immortal fundador;  
Reis ambos: um pelo berço  
Que lhe deu sua nobreza;  
Outro, rei pela grandeza  
Do seu genio creador.

Lá dormem! um rodeado  
Dos braços da sua gloria,  
Como depois da victoria,  
Sob a tenda a descansar;  
Outro á sombra d'esses tectos  
Em campa singela e nua,

Como querendo a obra sua  
D'além da tumba guardar.

\*

E lá dormem tambem outros que a morte  
Juntou á sombra do logar sagrado,  
D'infantes e de reis alta cohorte,  
Servindo de cortejo ao rei soldado.

[145]

Reunidos emfim no chão funereo,  
Fernando, Pedro, e Henrique, os tres infantes;  
Henrique, o sabio audaz que outro hemispherio  
Primeiro abriu aos lusos navegantes.

Duarte e João segundo descançando  
D'altas victorias na mansão tranquilla;  
Affonso quinto c'os laureis sonhando  
D'Alcacer, Tanger, e da forte Arzilla.

E no sôpro do vento que perpassa,  
E lhes roça nas frias sepulturas,  
Parecem murmurar em voz escassa,  
E agitar suas ferreas armaduras.

E lá quando o luar pelas janellas  
Lhes escôa nas lapidas marmoreas,  
Talvez erguidos se recostam n'ellas  
A fallar entre si de nossas glorias.

Dormi em paz, ó chefes do passado,  
Heroico fundador, prole valente;  
Dormi em paz no tumulo calado  
Recordando os laureis da vossa gente.

Enchei em roda os penetraes divinos  
De vossos gloriosos esplendores;  
E se tendes poder sobre os destinos,  
Defendei-os do tempo e seus furores.

[146]

Que as gerações passando reverentes  
Possam, volvendo as paginas da historia,  
Largas eras saudar, curvando as frentes,  
Esse padrão d'immoredoura gloria!

## DESALENTO

[147]

Cançado, ai! já cançado quando a vida  
Em flôr nascente desabrocha ao mundo!  
Quando a esperança, d'illusões vestida,  
Sorri a todos n'um porvir jucundo!

Alma que gemes em lethal quebranto,  
Desprende as azas nos vergeis celestes!  
Amor, gloria, prazer, dae-me inda o encanto  
Que nos dias passados já me déstes!

Mas que é o amor da terra? luz divina  
Que mal desce do céu logo se apaga;

Candida rosa que o tufão inclina,  
Que o tempo e a morte desfolhando esmaga.

Doces imagens que em ditoso enleio  
Cerquei outr'ora d'illusão infinda,  
O que é feito de vós? ai! n'este seio  
Viveis apenas, se viveis ainda.

E tu, que és tu, ó gloria? um som que passa,  
E de seculo em seculo retumba,  
Mas que a frigida lousa não traspassa  
De quem já dorme na calada tumba.

[148]

Astro que brilha e queima, espectro ovante  
Que a desgraça acompanha, e o genio illude:  
Vós o sabeis, Camões, e Tasso, e Dante,  
Vós que gemeis ainda no ataúde.

Que é o gôso, o prazer? fumo d'incenso  
Que embriaga um momento, e se evapora;  
Que é o saber, a sciencia? espaço immenso  
Em que a verdade mal reluz na aurora.

Que é este mundo que eu sonhei tão bello?  
Profundo abysmo de tormenta escura;  
Que é pois a vida? um fadigoso anhelos  
Que levamos do berço á sepultura.

A morte! oh! se além d'ella o porto amigo  
Nos surgisse a final ledos e formoso!  
Se n'esses mundos da esperança abrigo  
Despontasse outro sol mais bonançoso!

Mas quem sabe da morte? o ouvido attento  
No silencio das campas nada escuta;  
E Socrates não diz se um novo alento  
Achou, bebendo a gelida cicuta.

Senhor, Senhor, porque vim eu ao mundo,  
E qual é sobre a terra o meu destino,  
De mim que homem geraste, e que no fundo  
D'este valle d'angustia érro sem tino?

[149]

Infeliz de quem nasce! a ave que gyra,  
A fera, o tronco, o verme que rasteja  
Tambem nasceu, mas esse a nada aspira,  
Ou se aspirou alcança o que deseja.

E o homem nasce, pensa, e aspira ancioso  
Às illusões que a mente lhe depara,  
E a cada passo lhe esmorece o gôso,  
E acha só trevas onde luz sonhára.

E caminha, e caminha, e sem alento  
Cahe abysmado no seu terreo leito,  
Onde apóz a fadiga e o soffrimento  
A lousa sepulchral lhe esmaga o peito.

Aqui, de dôr um pélago profundo;  
Além, os vermes da feral jazida;  
Senhor, Senhor, porque vim eu ao mundo?  
Porque do nada me chamaste á vida?

## CONSOLAÇÃO

Quando nas trevas de minha alma afflictiva  
 A procella da dôr mais se encapella,  
 E o desalento, a dúvida, e a descrença  
 Co'as negras azas me escurece o dia,  
 A ti, ó Deus, a ti com mais esforço,  
 Através do infinito onde te escondes  
 Busco elevar-me, demandando auxilio;  
 E tu, Senhor, descendo a quem te chama,  
 Fulguras entre as sombras, e a tormenta  
 Que dentro d'alma rebramia fera,  
 Vae pouco e pouco serenando as iras.

\*

Bem hajas! quem te procura  
 Jámais te procura em vão:  
 Tu desces, e a noite escura  
 Se volve em doce clarão;  
 Tu desces, e a luz da esp'rança,  
 Como estrella de bonança,  
 Brilha no mar da afflicção.

A vida é triste: no mundo  
 Soffremos até morrer;  
 Mas, Senhor, quem sonda a fundo  
 Mystérios do teu poder?  
 A vida é triste, mas breve;  
 E o futuro que se eleve,  
 Eterno, immenso ha de ser.

[151]

Mundos e mundos no espaço  
 Vão rolando á tua voz,  
 Prêsos em mystico laço  
 N'esses jardins sobre nós;  
 E tudo canta á porfia  
 Aquella grande harmonia  
 Que ensinam teus anjos sós.

Tudo folga: só na terra  
 Ha de o homem padecer?  
 Acaso tão pouco encerra  
 Seu fado? não póde ser.  
 Se o homem foi obra tua,  
 N'este mar em que fluctua  
 Ha de um porto emfim haver.

Bem hajas! a dôr e o pranto  
 Vem de ti, do teu amor;  
 São crysol augusto e sancto  
 Que nos apura em fulgor;  
 São a chamma, o fogo intenso  
 Que nos ergue como incenso,  
 E a teus pés nos vae depôr.

[152]

Tu sabes porque sombria  
 Vaga a noite na amplidão,  
 Porque a terra se anuvia,  
 E rugge irado o tufão:  
 É que o dia segue a noite,  
 E das procellas no açoite  
 Se esconde a florea estação.

Bem hajas, Senhor, bem hajas!  
O teu poder nos conduz;  
Se de luto um dia trajas,  
Outro dia além reluz.  
N'este gyro sempiterno,  
Vem o estio apóz o inverno,  
E apóz as sombras a luz.

Bem hajas! feliz no mundo  
Quem tua face entrevê,  
E d'este abysmo profundo  
Se ergue nas azas da fé!  
Feliz quem sorrindo ás vagas,  
De olhos fitos sobre as plagas,  
Espera, confia, e crê!

[153]

## O BUSSACO

[154]

Oh! salve irmão do Libano,  
Que altivo ergues a fronte,  
Monarcha d'estas serras,  
Senhor da solidão!  
Salve, gigante cupula,  
Que ostentas no horisonte,  
Erguida sobre as terras,  
A cruz da redempção!

Em teus agrestes pincaros  
O homem vive e sente  
Mais longe d'este mundo,  
Mais proximo dos céos:  
Por isso, nos seus extasis,  
O monge penitente  
Aqui meditabundo  
Se erguia aos pés de Deus.

Por largo tempo o cantico  
Do pobre cenobita  
Soou na ermida rude  
Da tua solidão:  
Hoje o silencio lugubre  
Sómente n'ella habita,  
Silencio d'ataúde  
Em funebre mansão.

[155]

Porém se os coros mysticos  
Findaram sua reza,  
Se a voz do sancto hosanna  
Em ti já feneceu;  
Tu vives, e inda incolume  
Ao Deus da natureza,  
Calada a voz humana,  
Descantas o hymno teu.

Oh! como és bello erguendo-te  
Á luz do novo dia,  
Que os mantos de verdura  
Te banha de fulgor!  
Quando o gemer dos zephyros,  
Das aves a harmonia,  
Acordam na espessura

Louvando o Creador!

Mas quanto mais esplendido  
Serás quando a tormenta,  
Sublime, rugidora,  
Eu teu regaço cahe!  
Quando de mil relampagos  
Teu cume se apresenta  
C'roado, como outr'ora  
O fulgido Sinai!

[156]

Quando os tufões indomitos,  
Rugindo nas escarpas,  
Se abraçam ás torrentes  
Com horrído fragor!  
Depois, em negro vortice,  
Desferem nas mil harpas  
De teus cedros ingentes  
Um cantico ao Senhor!

Tu és grandioso; o animo  
Que a sós aqui medita  
Recolhe altas imagens  
De sancta inspiração.  
Oh! porque veio turbida  
A guerra atroz, maldita,  
Soltar n'estas paragens  
As vozes do canhão?

D'um lado eram as bellicas  
Hostes de Bonaparte;  
Do outro heroico e ufano  
O povo portuguez:  
A liberdade e a patria  
Ergueu seu estandarte,  
E a historia do tyranno  
Contou mais um revez.

[157]

Tudo passou: sumiram-se  
Vencidos, vencedores;  
Té mesmo do gigante  
Soou a hora fatal:  
Só tu, sorrindo impavido  
Do tempo e seus furores,  
Inda ergues arrogante  
Teu vulto colossal.

E cada vez que fulgido  
Renasce o novo dia,  
De nova luz te banhas,  
Despindo os negros véos;  
E dizes, em teu jubilo,  
Ao sol que te alumia:  
--O rei d'estas montanhas  
Saúda o rei dos céos.

Depois, ao vèl-o pallido  
Nas vagas do horisonte,  
Pareces ao mar vasto  
Dizer com altivez:  
--Em teu regaço, ó pelago,  
Tu lhe sumiste a fronte:  
Avança, que de rasto  
Virás beijar-me os pés!

[158]

Eis os sitios formosos onde a triste  
 Nos dias d'illusão viveu ditosa;  
 Eis a fonte serena, e os altos cedros  
 Que os segredos d'amor inda lhe guardam.  
 Oh! quantas vezes, solitaria fonte,  
 Apóz longo vagar por esses campos  
 Do placido Mondego, n'estas margens  
 A namorada Ignez veio assentar-se,  
 E ausente de seu bem carpir saudosa,  
*Aos montes e ás hervinhas ensinando*  
*O nome que no peito escripto tinha!*  
 E quantas, quantas vezes no silencio  
 D'esta grata soidão viste os amantes,  
 Esquecidos do mundo e a sós felizes,  
 Nos extasis da terra os céos gosando!

Pobre infeliz Ignez! breves passaram  
 Os teus dias d'amor e de ventura.  
 Ao regio moço o coração rendêras,  
 E o que em todos é lei, em ti foi crime.  
 Eis do barbaro pae, do rei severo,  
 Se arma a dextra feroz, eil-o que aos sitios  
 Onde habitava amor conduz a morte.  
 Distante de teu bem, ao desamparo,  
 Ai! não podêste conjurar-lhe as iras.  
 Debalde aos pés d'Affonso lacrimosa  
 Pediste compaixão; debalde em ancias  
 Abraçando os filhinhos innocentes,  
 Os filhos de seu filho, a natureza  
 Invocaste e a piedade: a voz dos impios,  
 Dos vis algozes, te abafou as queixas,  
 E o cego rei te abandonou aos monstros.  
 Eil-os a ti correndo, eil-os que surdos  
 Aos ais, aos rogos que tremendo soltas,  
 No palpitante seio crystallino,  
 Que tanto amou, oh barbaros! os ferros,  
 Os duros ferros com furor embebem.  
 Prostrada, agonisante, os doces filhos  
 Por derradeira vez unes ao peito,  
 E de teu Pedro murmurando o nome,  
 Aos innocentes abraçada expiras.

[160]

Inda, infeliz Ignez, inda saudosos  
 Estes sitios que amavas te pranteiam.  
 As aves do arvoredado, os echos, brizas,  
 Parecem murmurar a infanda historia;  
 Teu sangue tinge as pedras, e esta fonte,  
 A fonte dos amores, dos teus amores,  
 Como que em som queixoso inda repete  
 Ás margens, e aos rochedos commovidos,  
 Teu derradeiro, moribundo alento.

[161]

## A UM THEATRO ACADEMICO

[162]

Abrindo sepulchros, rasgando mysterios,  
 Quem mortos gelados levanta de pé?  
 Quem varre co'as azas as cinzas d'imperios,  
 E os vultos heroicos anima, quem é?

Quem tira do nada uma fórma divina?  
 Quem finge uma imagem de negro terror?  
 Quem ergue virtudes, e o crime fulmina?

Quem risos excita, quem prantos de dôr?

--O genio do drama e o genio da scena!--  
São elles que traçam, em véo d'illusões,  
D'amor, de ciume, de riso, e de pena  
O jogo travado, fallando às paixões.

São elles unidos que em chamma inquieta  
Sentiu Gil Vicente na fronte escaldar?  
São elles que o bardo da terna Julieta,  
E a fronte de Talma vieram c'roar.

São elles, mancebos, que em nuvens de flôres  
A senda apontaram que afoitos seguis,  
De palmas e c'rôas, de magos fulgores,  
Mas senda d'espinhos; c'o genio condiz.

[163]

Em nobre fadiga, que os ocios despreza,  
D'acerbos estudos assim descançaes!  
Foi bello o designio, difficil a empreza:  
Quem logra nas artes repouso jámais?

Que importa? na lucta se provam alentos,  
Sómente na lucta se colhem laureis;  
Aos peitos ardentes, de gloria sedentos,  
Reluz a bonança por entre os parceis.

Ávante! e que o genio das artes potente  
O fogo das artes vos possa trazer!  
Que em scenas de prantos o pranto rebente,  
Que em scenas alegres se gose o prazer!

As artes e as letras nasceram amigas:  
Ás aras das duas incensos levae,  
E aos louros colhidos em sabias fadigas,  
Os louros do palco viçosos juntae!

[164]

## **N'UM ALBUM**

Do soffrimento o archanjo lamentoso  
Sobre a face do mundo estende o braço:  
Um diadema offertava, e pavoroso:  
«Para o que mais soffreu!» gritou no espaço.

Eis logo immensa turba se atropella,  
Todos querem ganhar a prenda infausta;  
Mas nenhum dos que chegam por obtê-la  
Mostrava a taça da amargura exhausta.

«Afastae-vos!» lhes brada o genio esquivo,  
«Nenhum tocou do soffrimento a meta:  
«Tu, só tu mereceste o premio altivo;  
«Ergue a fronte, corôa-te, poeta!»

[165]

## **VISÃO DO RESGATE**

E eu achei-me assentado solitario  
Junto d'um grande mar triste e sombrio,  
Cujas ondas d'aspecto funerario,  
Se agitavam, qual trémulo sudario  
Sobre um cadaver macilento e frio.

E eu era triste! sepulchraes gemidos  
Me vinham d'essas ondas tormentosas;  
Seu fragor penetrava em meus ouvidos,  
Como o arfar de mil peitos opprimidos  
Em duros transes d'afflicções penosas.

E por cima na abobada do mundo  
Um véo de nuvens se estendia baço;  
Rebramava o trovão rouco e profundo,  
E o mar lhe respondia gemebundo,  
E a tristeza reinava em todo o espaço.

E um suor frio me escorreu na fronte,  
Como o orvalho na cruz d'um cemiterio;  
E de meus prantos desatou-se a fonte,  
E eu pedi ao Senhor que do horisonte  
Me tirasse esta nuvem de mysterio.

[166]

E o Senhor deu ouvidos a meu rogo,  
Pois vi descer a mim do firmamento  
Um facho ardente de celeste fogo,  
Que as trevas de meus olhos varreu logo,  
Qual varre as nuvens um tufão violento.

E eu vi tudo! esse mar de ondas sombrias  
Era um mar de nações que se agitava;  
E eu conheci que em leito d'agonias,  
Chorando em vão seus miserandos dias,  
Aquella multidão gemia escrava.

Alli o fraco de pavor transido  
Arrastava grilhões aos pés do forte;  
O perverso ostentava o rosto erguido,  
E o justo era qual pombo foragido  
Que nas garras do açor encontra a morte.

O mendigo nos atrios do opulento  
Pedia amparo, e maldições colhia;  
O filho do trabalho, sem alento,  
Comprava o escasso pão ao avarento  
A troco dos andrajos que despia.

E entre as garras da fome devorante  
O mancebo luctava enfraquecido,  
O velho desmaiava agonisante,  
E a mãe sem forças apertava o infante  
Ao peito como a urze resequido.

[167]

E um espectro medonho e ensanguentado  
Por entre aquelles povos divagava,  
Brandindo um ferro com medonho brado;  
E o chão que elle pisava era abysmado  
Como em torrentes d'incendida lava.

É que esses povos, como iradas feras,

Ao seu brado feroz se levantavam;  
E a matança era tanta, que disseras  
Vêr um circo de hyenas e pantheras  
Que entre as garras crueis se espedaçavam.

E no meio de tudo em alto monte  
Se erguia um throno de rubins accesos,  
No qual um anjo, coroada a frente,  
Dominava soberbo esse horisonte  
De povos algemados e indefesos.

E no semblante d'esse archanjo ardente  
O dedo do Senhor estava escripto;  
E eu pude lêr-lhe na sombria frente,  
Gravadas em character refulgente,  
As sinistras palavras:--*sê maldito!*

E outro archanjo de negras armaduras  
De joelhos aos pés se lhe inclinava;  
E, infausto mensageiro d'amarguras,  
Na sinistra empunhava algemas duras,  
Na dextra ferrea urna sustentava.

[168]

E offertando-lhe a urna com respeito,  
Lhe dizia com voz assustadora:  
«Anjo do mal que o homem tens sujeito,  
«N'este vaso de dôr recebe o preito  
«Das lagrimas crueis que o mundo chora.

«Eis o penhor fiel que a tyrannia  
«Por mim, seu anjo, te conduz ás plantas.  
«Os humanos resistem noite e dia,  
«Mas o laço do amor não concilia  
«As suas turbas, que feroz supplantas.

«Mal haja o Christo que o amor ensina!  
«Seu vil reinado succumbiu na terra.  
«Triumpho, anjo do mal, reina e domina,  
«E mil flagellos ás nações fulmina,  
«De crimes, divisões, de luto e guerra!»

E o archanjo brandindo o sceptro ardente  
Sorria com feroz perversidade:  
E ao longe murmurava um som fremente,  
Como o rugido d'um volcão latente,  
Ou a voz de longinqua tempestade.

E eu cedi ao vaivem de minhas mágoas,  
Como ao sôpro do vento a fragil hera,  
Té que uma voz, como a das grandes agoas,  
De minhas penas abrandando as frágoas,  
Me bradou aos ouvidos:--*crê e espera!*

[169]

\*

E subito uma aurora  
Serena, refulgente,  
Das trevas do oriente  
Desfez os negros véos;  
Lavrou, como um incendio,  
Nas sombras horrorosas,  
E alfim cobriu de rosas  
A cupula dos céos.

E um astro despontando

Na franja do horisonte,  
Alçou a meiga fronte  
Coberta d'aurea luz:  
Sobre elle campeando  
Cercada d'alta gloria,  
Promessa de victoria,  
Brilhava a eterna cruz.

E logo ardente nuvem,  
Relampagos soltando,  
Baixou do céu voando  
No carro dos trovões;  
Bem como de trombeta  
Soltava estranho accento,  
E prestes como o vento  
Rolou sobre as nações.

[170]

E n'ella a gloria immensa  
Do Deus que o mundo adora  
Brilhava como outr'ora  
No tôpo do Sinai;  
E o grito da trombeta  
Dizia em som de guerra:  
--Surgi, povos da terra,  
N'um só vos ajuntae!--

E o throno do mau anjo  
Tremeu nos fundamentos,  
E eu vi passar nos ventos  
O espirito de Deus;  
Seu brado erguia os povos,  
Bem como a tempestade  
Do mar na immensidade  
Levanta os escarcéos.

\*

[171]

E as turbas procellosas remoinharam,  
Como as areias que o tufão agita;  
E alçando todas pavorosa grita,  
Com laços fraternaes se colligaram.

E emquanto erguiam seus pendões de guerra,  
Eis que as azas batendo nas alturas,  
Cingidos de brilhantes armaduras,  
Dous archanjos pairaram sobre a terra.

Cobriam-lhes as fórmias delicadas  
Escudos e couraças diamantinas,  
Aureos elmos as fronte peregriñas,  
Nas dextas empunhando igneas espadas.

E eu vi-os, como soes relampejantes,  
Adejarem velozes sobre a terra,  
Brandindo irados, em signal de guerra,  
As terriveis espadas flammejantes.

Té que chegando o instante do resgate,  
Fitando os povos que os olhavam mudos,  
Bateram co'as espadas nos escudos,  
Bradando ás multidões:--eia ao combate!

\*

E os povos ao brado,  
Qual mar agitado  
Fervendo em cachões,

[172]

Erguiam-se fortes  
Em densas cohortes,  
Em mil turbilhões;  
E á guerra corriam,  
E feros bramiam  
Quaes feros leões.

Corriam, chegaram,  
E o throno cercaram  
Do anjo do mal;  
Mas elle!--maldito!--  
Das luctas o grito  
Soltára fatal;  
Na mão, qual espectro,  
Luzia-lhe um sceptro  
De lume infernal.

Com furia sombria,  
Da vil tyrannia  
Ao anjo acenou,  
E o prompto ministro  
Seu mando sinistro  
Fiel acceitou;  
E eis rapido logo  
As armas de fogo  
Medonhas tomou.

E enormes serpentes  
Vermelhas, ardentes,  
Soltou pelo chão;  
Das ferreas escamas  
Sahiam-lhes chammias  
De torvo clarão;  
Cada uma nos povos  
Saltava em corcovos  
D'horrenda visão.

[173]

Os povos, que as viam,  
Debalde investiam  
Seus gyros mortaes:  
Crueis lavaredas  
Abriam veredas  
Ás serpes fataes;  
E a turba d'exangue  
Cahia do sangue  
Nos rios caudaes.

Mas n'isto ligeiros  
Os anjos guerreiros,  
No ar inda então,  
Baixaram luzentes,  
Quaes astros cadentes,  
Á terrea mansão;  
E aos anjos malvados  
Correram irados  
Com voz de trovão.

E todos, alçadas  
As igneas espadas  
Brandiram a par;  
Cada uma semelha  
Luzente centelha  
Cruzando no ar;  
Semelha no embate  
A onda que bate  
Na rocha do mar.

[174]

Seus olhos vibravam,

Seus gritos soavam  
Em echos d'horror;  
As turbas rugiam,  
As armas tiniam  
Com novo rancor;  
O carro da guerra  
Rolava na terra  
Com torvo fragor.

Até que um rebombo  
Soou, como tombo  
Ruidoso e fatal  
De penha que d'alto  
Desaba, e d'um salto  
Retumba no val:  
Era alto ruído  
Do throno abatido  
Do genio do mal.

E logo infinitos  
Ouvi ledos gritos,  
E ouvi maldições;  
E soltos aos ventos  
Vi centos e centos  
D'ovantes pendões;  
Vi feitos pedaços  
Algemas, e laços,  
E ferreos grilhões.

[175]

Vi thronos cahidos,  
Vi sceptros partidos  
Rolarem no pó;  
Vi aureos emblemas,  
Vi mil diademas  
Calcados sem dó;  
Vi povos diversos,  
Outr'ora dispersos,  
Unidos n'um só.

\*

Vi a terra já livre d'anciedade  
Rasgar altiva seu funereo manto;  
Vi os homens á voz da liberdade  
Surgirem fortes do lethal quebranto.

Vi-os, tecendo fraternaes abraços,  
Sem odios, sem rancor, e sem vinganças  
Estreitarem d'amor serenos laços,  
Unidos em sublimes allianças.

[176]

E eu louvei o Senhor! já não reinava  
O anjo do mal co'a tyrannia fera:  
Seu throno demolido semelhava  
D'apagado volcão torva cratera.

\*

Coberto de mantos de pura saphíra  
Que dia tão ledo brilhava sem véos!  
A estrella formosa que aos homens surgíra  
Reinava em triumpho no campo dos céos.

Seu facho divino cercado de rosas  
Vertia no mundo torrentes de luz,  
E o mundo coberto de galas formosas  
Saudava n'esse astro do Golgotha a cruz.

Dos valles, dos montes, da terra, e dos mares,  
Sahiam murmurios de paz e d'amor,  
Co'a voz dos humanos soando nos ares  
Em cantos infindos d'infindo louvor.

Batendo serenos as azas douradas,  
Os anjos formosos pairavam no céu,  
Qual nitido bando de pombas nevadas  
Cruzando os espaços n'um dia sem véo.

[177]

Nem elmos agora, nem malhas luzentes  
Cobriam dos anjos as fórmas gentis:  
De branco trajados, seus véos innocentes  
Ondeavam tremendo nas auras subtis.

Cahiam-lhes soltos os longos cabellos  
No collo, nos hombros d'alvura louçã,  
Seus rostos ornando, mais puros, mais bellos  
Que a estrella argentina da rosea manhã.

Traziam poisadas nas candidas frentes  
Grinaldas singelas de casta cecem,  
E as harpas eburneas tangiam cadentes,  
C'roadas de rosas e lirios tambem.

Um côro celeste voando em cardumes  
Seguia os archanjos com doces canções;  
E todos lançando na terra perfumes  
Assim descantavam por sobre as nações:

[178]

## **O ARCHANJO DO CHRISTIANISMO**

Salve, dia que meigo fulguras  
Despontando no mundo sem véo!  
Salve, estrella d'amor e venturas  
Que resurges formosa no céu!

Pura e bella surgíras outr'ora,  
Densa nevoa cobriu tua luz;  
Pura e bella resurges agora,  
Vem reinar sobre os homens, ó cruz!

Vem remil-os da negra maldade,  
Vem na face do mundo luzir,  
Vem trazer-lhes a luz da verdade,  
Que o Messias lançou no porvir!

Era o anjo das trevas maldito,  
Quem do mundo regía as nações;  
Foi o Verbo, o Messias predicto,  
Que desceu a partir seus grilhões.

Novas crenças brotando dos labios  
Revelou em seu Pae um Deus só,  
E, caladas as vozes dos sabios,  
Falsos deuses caíram no pó.

Viu as gentes sepultas no crime,  
E eis que armado d'augusta missão  
Deu lições de virtude sublime,

[179]

D'innocencia, d'amor, e perdão.

Ensinou a brandura ao tyranno,  
Ao soberbo dos justos a lei;  
Ao avaro bradou:--sê humano!  
E ao perverso e ao impio:--tremei!

Deu ao fraco palavras de vida,  
Deu ao triste consolos na dôr,  
Deu a todos a esp'rança perdida  
D'outro reino de paz e d'amor.

E cumprindo do mundo a sentença  
No tormento da cruz expirou;  
Mas com sangue d'um Deus sua crença  
Sobre a terra gravada ficou.

Do Calvario, librado nas pennas,  
A mil povos com ella voei;  
Mil corôas teci d'açucenas,  
Com que tantos martyrios ornei.

Foi então... dá-me queixas, ó lyra,  
Dá-me notas de fundo pezar...  
Christo, ó Christo, a calunnia, a mentira,  
Ai! ousaram teu Verbo ultrajar.

Teus ministros, sem fé na verdade,  
Renegaram da sancta missão,  
E entregaram a lei da igualdade  
Aos tyrannos, á voz da ambição.

[180]

Logo o facho sangrento da guerra  
Accenderam com impio furor,  
E em teu nome cobriram a terra  
D'exterminio, de sangue, e d'horror.

D'ouro e sangue mantendo seus vicios  
Teus preceitos calcaram no pó;  
E mil scenas de horrendos supplicios  
Ostentaram ao mundo sem dó.

Então eu á celeste morada  
D'entre os homens voando subi,  
E a teus pés com a fronte curvada  
Largas eras, ó Christo, gemi.

Mas das trevas não pôde o combate  
Apagar o teu astro de luz:  
Aos captivos, signal do resgate,  
Eil-o surge brilhante na cruz.

Povos, povos, seccae vosso pranto!  
Levantae-vos do leito da dôr!  
Terra, entôa de novo o teu canto,  
Doce canto de paz e d'amor!

Da maldade, dos odios, da guerra,  
Para sempre o reinado morreu.  
Paz aos homens na face da terra!  
Gloria a Deus nas alturas do céu!

[181]

## CÔRO DOS ANJOS

Hosanna! hosanna! signal de victoria,  
A cruz do resgate já brilha ás nações;  
Hosanna! e se eleva nos cantos de gloria  
Dos anjos, dos homens, de mil gerações!

### O ARCHANJO DA LIBERDADE

Bem vindo sejas, bonançoso dia,  
Que ao mundo trazes a perdida luz!  
Bem vindo sejas! teu fulgor lhe envia  
No facho eterno que as nações conduz!

Assim de galas e esplendor vestida  
À voz do Eterno a criação rompeu;  
E a liberdade se ligou á vida,  
No mar, na terra, na amplidão do céu.

--Vivei, sois livres, caminhae ávante!--  
O Eterno disse, e me entregou a lei;  
Seu dedo a terra me apontou distante,  
E eu das alturas com prazer baixei.

[182]

E a lei dos mundos vim gravar na selva,  
No leão das brenhas, e no açor do ar,  
No cedro altivo, na modesta relva,  
Nas bravas ondas do revoltó mar.

No ser humano, d'entre os mais acceito,  
Gravei mais fundo o universal condão,  
E d'entre as azas lhe verti no peito  
Viva centelha d'immortal clarão.

Então, qual fumo d'abrazado incenso,  
Voou da terra festival louvor;  
E a natureza, no seu gyro immenso,  
Pulsou de vida, liberdade e amor.

Mais ai! que o homem de seus dons celestes  
No altar dos vicios holocausto fez;  
Rasgou impuro da innocencia as vestes,  
Calcou tyranno seus irmãos aos pés.

Tomando o ferro de cruel verdugo  
Fartou com sangue mil crueis paixões;  
Impôz ao fraco seu tyranno jugo,  
E o fraco ás plantas lhe arrastou grilhões.

Então a terra suspendeu seus hymnos,  
A luz do dia se turvou no céu,  
E esta harpa triste, nos umbraes divinos,  
Aos pés do Eterno desde então gemeu.

[183]

De negras sombras se toldára o mundo,  
Mas eis que os tempos eram findos já;  
Eis que uma estrella de fulgor jucundo,  
Sorrindo á terra, alumiou Judá.

Em vão; só hoje triumphar devia  
Esse astro immenso de serena luz:  
Eis surge, eis surge do resgate o dia,  
Brilhando aos homens sobre a eterna cruz.

Povos, sois livres, enxugae o pranto!  
Do leite amargo do penar surgi!  
Terra, modúla teu festivo canto,  
Que o novo dia já reluz em ti!

D'um Deus o sangue resgatou a affronta:  
Quebrae a taça da agonia e dôr!  
Novo porvir ás gerações desponta  
De liberdade, de ventura e amor.

Eterna gloria ao que desceu á terra!  
Eterna gloria do universo ao Rei!  
Que o fraco exalta, que o soberbo aterra,  
Que impõe aos orbes e ás nações a lei!

[184]

### **CÔRO DOS ANJOS**

Hosanna! hosanna! seu nome infinito  
Refulge de gloria, qual astro sem véo,  
Na luz da verdade, no Verbo predicto,  
No mar, nos abysmos, na terra, e no céu!

\*

E subindo através do espaço immenso  
O côro--hosanna, hosanna--repetia,  
Entre nuvens d'azul, d'ouro, e d'incenso,  
E entre notas d'angelica harmonia.

Entanto eu com a face unida á terra  
Do novo dia o resplendor saudava,  
E sobre o campo da passada guerra  
Ao Senhor dos exercitos orava.

### **VERSÕES D'OSSIAN**

[187]

#### **AO SOL**

##### **(FRAGMENTO DO POEMA DE «CARTHON»)**

Ó tu que rolas n'esse campo ethereo,  
Semelhante ao broquel dos meus passados,  
D'onde vem os teus raios, sol brilhante?  
D'onde recebes tua luz eterna?  
Tu despontas solemne e magestoso;  
As estrellas se escondem quando passas,  
A lua fria e pallida mergulha

Nas vagas do occidente; e tu caminhas  
Solitario nos céos. Quem na carreira  
Te póde acompanhar? Os altos robles  
Baqueiam das montanhas, e ellas mesmas  
Sob o pêso dos annos se arruinam;  
O oceano ora se eleva, ora se abaixa;  
A propria lua na amplidão fenece:  
Só tu caminhas sempre, e sempre o mesmo,  
E de tanto fulgor te vanglorías!  
Quando a borrasca entenebrece o mundo,  
Quando rolam trovões, e adeja o raio,  
Tu olhas d'entre as nuvens sobranceiro,  
E sorris da tormenta! Mas debalde  
Olhando Ossian procuras, que os teus raios  
Ossian não mais verá, quer teus cabellos  
Em nuvens orientaes flammejem soltos,  
Quer descendo os espaços estremeças  
Ás portas do occidente. Sol, um dia  
Talvez como eu serás; talvez, quem sabe?  
Dos annos teus acabarás o gyro,  
E insensivel á voz da madrugada,  
Em tuas nuvens ficarás dormindo.  
Mas folga, folga entanto magestoso  
No verdor de teus annos: a velhice  
É solitaria e triste; é semelhante  
Ao clarão melancholico da lua  
Quando brilha entre nuvens, quando o norte  
Revôa na planicie, e o caminhante  
Pára convulso e de pavor transido.

[188]

## COLMA

[189]

### (FRAGMENTO DOS CANTOS DE SELMA)

Era em Selma e nas festas. Começava  
Dos bardos o cantar: eis se adianta  
D'olhos fitos no chão, banhada em pranto,  
A doce, a amavel Minona. Os cabellos  
Lhe ondeavam soltos ao soprar da briza  
Que vinha das montanhas.  
As almas dos heroes se enterneceram  
Mal que as primeiras notas  
De seu canto dulcissimo soaram.  
Muitas vezes o tumulto de Sálgar,  
E o tumulto de Colma tinham visto,  
Da triste Colma abandonada ás queixas  
Na collina deserta. Um dia Sálgar  
Promettêra de vir e não viera;  
Em torno d'ella já descia a noite:  
Ouvi da triste Colma  
A queixa solitaria:

«É noite! sósinha no monte elevado  
«Dos ventos ruidosos escuto o bramir...  
«Sombria a torrente sussurra a meu lado...  
«Em triste abandono me é doce carpir.  
«Descobre-te, ó lua, refulge brilhante!  
«Estrellas formosas, mostrae-vos tambem!  
«Guiae os meus passos ao sitio distante,  
«Onde ora cançado repousa o meu bem!

[190]

«Ó Sálgar, ó chefe dos montes valente,  
«Quebraste a promessa que em balde te ouvi...  
«O tronco, os rochedos, a voz da torrente  
«São estes, ó Sálgar, mas faltas aqui...  
«Deixei por seguir-te na dôr abysmados  
«O irmão que estremeço, meu pae que olvidei:

«São velhos os odios dos nossos passados,  
«Mas eu, ó meu Sálgar, jámais te odiei.

«A lua calada fulgura na selva,  
«Nas aguas, nas rochas, com doce clarão...  
«Quem jaz em distancia dormindo na relva?  
«És tu, ó meu Sálgar? és tu, meu irmão?  
«Fallae, meus amigos: immoveis, deitados,  
«Porque inda em silencio me não respondeis?  
«Ai mortos! ai mortos! em sangue banhados!  
«E tintos de sangue seus ferros crueis!

«Mataste, ó meu Sálgar, o irmão de minha alma!  
«E tu, doce amigo, tu jazes tambem!  
«Perdi-vos: só resta chorar-vos sem calma...  
«Como eu vos amava não ama ninguem.  
«Tu eras formoso nas tuas collinas:  
«Elle era terrivel das luctas no ardor.  
«Quem vossas espadas guiou assassinas?  
«Quem pôde inspirar-vos da morte o furor?

[191]

«Mas, ai! já não ouvem meus longos gemidos...  
«Na terra gelada gelados estão...  
«Fallae d'entre as nuvens, phantasmas queridos,  
«Que as vossas palavras medonhas não são!  
«No monte sombrio que além se divisa,  
«Dizei-me a caverna que triste habitaes!...  
«Calados! calados! nem sôpro da briza,  
«Nem voz da tormenta me traz os seus ais!

«Sentada no monte, c'os olhos absortos,  
«Espero chorando do dia o raiar.  
«Erguei-lhes as tumbas, amigos dos mortos,  
«E n'ellas a Colma guardae um logar!  
«Passou de meus dias o sonho tão ledó,  
«Passou para sempre! não mais viverei...  
«Ao pé da torrente que banha o rochedo,  
«Oh! dae-me o repouso d'aquelles que amei!

«De noite, na serra batida dos ventos,  
«Meu triste phantasma de pé surgirá,  
«E ao som da rajada soltando lamentos,  
«No meio das nuvens gemendo errará.  
«Ao longe o viandante nos bosques perdido  
«Ouvindo-lhe as queixas terá compaixão;  
«As queixas, o pranto de Colma sentido  
«Chorando os amigos que mortos já são.»

[192]

Tal foi, tal foi, ó Minona, o teu canto,  
Doce filha de Tórman. Tristes eram  
Nossas almas por Colma, e em nossas faces  
Deslisavam as lagrimas em fio.

[193]

## FINGAL

### (CANTO PRIMEIRO)

Assentado de Tura junto aos muros  
Estava Cuthullin, perto do tronco  
De folhas rumorosas. Tinha a lança  
Encostada ao rochedo, e aos pés o escudo.  
No poderoso Cárbar meditava,  
N'esse heroe que vencêra: eis lhe apparece

Móran, filho de Fithil, sentinella  
Do proceloso oceano. «Ergue-te, disse,  
«Ergue-te, ó Cuthullin! Eu vi ao largo  
«Os navios do norte. Numerosos  
«Os inimigos são; muitos os bravos  
«Do potente Swáran.»

«Sempre tremes,  
«Sempre, ó filho de Fithil, lhe responde  
«O bellicoso chefe, e assim augmentas  
«As forças do inimigo. Fíngal era,  
«Fíngal, rei dos desertos, que o socorro  
«Traz a Erin dos ribeiros.»

«Vi seu chefe,  
«Réplica Móran, qual rochedo avulta!  
«Como um pinho sem rama é sua lança!  
«Como a lua nascente o seu escudo!  
«Assentado na praia semelhava  
«Nuvem que pousa no calado serro!  
«--Muitos, ó rei de heroes, muitos, lhe disse,  
«Nossos guerreiros são. Chamam-te o forte,  
«Mas os fortes em guerra não tem conta  
«Junto ás muralhas da nublosa Tura.--  
«Com estrondoso assento semelhante  
«Ao da vaga na rocha, elle me brada:  
«--Resistir-me quem ousa? Os mais valentes  
«Aos meus golpes succumbem. Só podéra  
«Fíngal, o rei de Selma, elle sómente,  
«Meu impeto arrostar. Já combatemos  
«Uma vez em Malmor. Com nossas plantas  
«Volviamos a terra; as duras rochas  
«Despegadas cahiam; as torrentes  
«Recuavam de susto murmurando.  
«Tres dias combatemos; os guerreiros  
«Nos olhavam ao longe, e estremeciam.  
«Diz Fíngal que cedi, que o rei do oceano  
«Cahiu por terra ao quarto: o rei do oceano  
«Resistiu sempre firme! Ceda-lhe hoje  
«O torvo Cuthullin! ceda ao que é forte  
«Como as tormentas de seu patrio berço!--»

[194]

«Oh! não, lhe torna o chefe; a nenhum homem  
«Cuthullin cederá, mas ha de em campo  
«Triumphar ou morrer! Toma esta lança:  
«Parte, ó filho de Fithil, vae com ella  
«Bater de Semo no sonoro escudo!  
«De Tura á porta vél-o-has suspenso.  
«Sua voz estridente é voz de guerra:  
«Hão de ouvil-a os heroes e obedecer-me.»

[195]

Partiu. Bateu no escudo. Espavorida  
Tremeu na selva a corça; em torno os montes,  
Os concavos rochedos retumbaram.  
Dos ingremes penhascos saltam logo  
Curach, e Cónnal de sanguinea lança.  
Bate de Grúgal o ancioso peito;  
O filho de Favi deixa a caçada;  
«É o escudo da guerra!» brada Rónnar;  
«De Cuthullin a lança!» brada Lúgar,  
Empunha, ó Cálmar, a soante espada!  
Ergue-te, ó Puno, temeroso chefe!  
Deixa, ó Cairbar, o ramoso Cromla!  
Eth, aproxima-te; á planicie desce  
Das torrentes de Lena! Os alvos peitos  
Mostra, ó Cathol, atravessando o plaino  
Sussurrante de Mora; os peitos alvos  
Como as espumas que arremessa a vaga  
Aos rochedos de Cúthon!

Eis os chefes!  
Eil-os soberbos dos antigos feitos!  
Inflammados recordam as proezas,  
As glorias do passado. Os olhos torvos

[196]

Chammejantes revolvem, procurando  
Inimigos da patria. As mãos valentes  
Descançam nas espadas. Cada vulto  
Lampeja armado de brunido ferro.  
Brilhantes são os chefes da batalha  
Co'as armas de seus paes! Sombrios, torvos  
Os seguem seus heroes, como a caterva  
De pluviosas nuvens segue os igneos  
Meteóros do céu. Por todo o campo  
Resôa o estrondo d'armas, e d'envolta  
Os uivos dos mastins; de quando em quando  
Rompem cantos de guerra, e o alarido  
Se repercute no fragoso Cromla.  
Sobre o plaino de Lena estão postados  
Como a nevoa do outomno sobre o outeiro,  
A movediça nevoa tenebrosa  
Que aos céos levanta a retalhada fronte.

«Filhos dos valles, Cuthullin exclama,  
«Caçadores do gamo, eu vos saúdo!  
«Uma nova caçada nos convida:  
«O inimigo se adianta como as vagas  
«Que se arrojam sombrias sobre a costa.  
«Combateremos nós, filhos da guerra,  
«Ou cederemos nossa Erin viçosa  
«Aos filhos de Lochlin? Responde, ó Cónnal,  
«Tu primeiro entre os homens, tu que partes  
«Os escudos na guerra! Já mais vezes  
«Com Lochlin pelejaste: empunhar queres  
«A lança de teu pae?»

[197]

«De ha muito sabes,  
«O chefe lhe responde, se nas guerras  
«Minha lança fulgura. Seu deleite  
«É ferir nos combates, é banhar-se  
«No sangue d'inimigos. Mas se o braço  
«Arde por combater, sereno o peito  
«É pela paz d'Erin. Ó tu na guerra  
«De Cormac o primeiro, observa ao longe  
«A frota de Swáran. São mais densos  
«Os seus mastros na costa do que os juncos  
«Na lagôa de Lego. Os seus navios  
«São florestas nublosas, cujos troncos  
«Cedem a espaços ao soprar do vento.  
«Os seus chefes guerreiros não tem conta.  
«Cónnal é pela paz. O proprio Fíngal  
«Evitára a peleja, elle que sabe  
«Dispersar os heroes como dispersa  
«O vento os sons de Colna quando a noite  
«Carregada de nuvens cobre o outeiro.»

«Ah! foge, homem de paz, foge! lhe brada  
«Cálmar, filho de Matha. Vae, regressa  
«Aos teus montes calados onde a lança  
«Jámais brilha na guerra! Vae, acossa  
«O veado do Cromla! com teus dardos  
«Fere a corça de Lena! Tu, em tanto,  
«Tu, ó filho de Semo, d'esta guerra,  
«Ó arbitro supremo, abate o orgulho  
«Dos filhos de Lochlin! Suas fileiras  
«Rompe atrevido! Que nenhum navio  
«Das regiões da neve ouse de novo  
«Galgar as ondas d'Inistor sombrias!  
«Negros ventos d'Erin, rugi! Erguei-vos,  
«Ó turbilhões de Lara! Que entre as nuvens  
«Me espedacem as iras dos phantasmas  
«Se ha prazer para Cálmar como a guerra!»

[198]

«Quando, ó filho de Matha, lhe responde  
«Cónnal com lenta voz, quando me viste  
«Aos combates fugir? Embora obscuro  
«Seja o nome de Cónnal, sempre á guerra  
«C'os amigos corri, sempre dos fortes

«O triumpho ajudei. Mas a ti fallo,  
«A ti, filho de Semo, e tu me escuta.  
«Ametade das terras e presentes  
«Dá em troca da paz, até que Fíngal  
«Aporte ás nossas praias. Mas se a guerra  
«Desejas antes, minha lança e espada  
«Erguerei satisfeito! os inimigos  
«Correrei a affrontar! e como sempre  
«Brilhará o meu animo na lucta!»

«Eu, tornou Cuthullin, amo o som d'armas  
«Como a voz do trovão acompanhado  
«Dos chuveiros do estio. Vossas tribus  
«Ide pois ajuntar para que eu possa  
«Vêr os filhos da guerra. Que elles passem  
«Brilhantes como o sol antes que o vento  
«Accumulando as nuvens remurmure  
«Nos carvalhos de Mórven. Mas que é feito  
«Dos amigos que eu tinha? Onde os que ajudam  
«Meu braço nos perigos? Onde páras,  
«Ó Cathba d'alvo peito? Onde te escondes,  
«Nuvem da guerra, varonil Duchómar?  
«Tu, Fergus, onde estás? porque me deixas  
«No dia da tormenta? Eil-o que chega!  
«Fergus, filho de Rossa, tu primeiro  
«No prazer dos festins, braço da morte,  
«Vens de Malmor acaso? vens correndo  
«De tuas serras como leve gamo?  
«Salve, filho de Rossa! que tristeza  
«Assombra a alma da guerra?»

«Quatro pedras,  
«Responde o chefe, a sepultura cobrem  
«Do valoroso Cathba; e já na terra  
«Dorme tambem o varonil Duchómar.  
«Tu eras para Erin, eras, ó Cathba,  
«Como um raio do sol! e tu, Duchómar,  
«Como a nevoa do Lano que no outomno  
«Rola sobre a planicie, e leva a morte  
«A viventes sem conta! Ó Morna, ó bella  
«Entre as mais bellas, socegado é o somno  
«Que dormes junto á rocha! Eis-te cahida  
«Entre as sombras da morte, como a estrella  
«Que se esvae no deserto, e o caminhante  
«Deixa saudoso de seu raio esquivo.»

«Ah! conta-nos, lhe diz de Semo o filho,  
«Conta-nos, Fergus, como foram mortos  
«Os guerreiros d'Erin. Cahiram ambos  
«Em combate de heroes? Dize-nos, Fergus,  
«Porque é que a terra nos esconde os fortes?»

«Cathba, lhe torna o chefe, cahiu morto  
«Aos golpes de Duchómar; cahiu junto  
«Do roble das torrentes. Exultando  
«O fero vencedor foi ter com Morna  
«Á caverna de Tura.--Amavel filha  
«Do valente Cormac, elle lhe disse,  
«Porque saudosa no fragoso serro,  
«Na caverna da rocha venho achar-te?  
«O ribeiro murmura; a arvore annosa  
«Geme ao sôpro do vento; o lago é turvo;  
«Negras as nuvens que no céu revôam!  
«Mas tu és como a neve da planicie;  
«Como o vapor do Cromla é teu cabelo,  
«Como o vapor do Cromla quando brilha  
«Aos raios do poente! São teus peitos  
«Como os lisos rochedos que se avistam  
«De Branno dos ribeiros; são teus braços  
«Como as alvas columnas espalhadas  
«Pelas salas de Fíngal!--»

«--D'onde inquieta,  
«Lhe diz a virgem de formosas tranças,

[199]

[200]

[201]

«D'onde vens, ó Duchómar, tu dos homens  
«O mais torvo e sombrio? Carregado  
«Trazes o rosto, e ensanguentada a vista.  
«Descobriu-se o inimigo? Que noticias  
«Trazes tu lá do mar?--»  
«--É da montanha  
«Que eu venho, elle responde; da montanha  
«Dos escuros veados. Tres cahiram  
«Traspassados por mim; tres foram mortos  
«Por meus ageis lebreus. Um d'elles tinha  
«Magestosa a cabeça, e os pés movia  
«Ligeiros como o vento. Amo-te, ó bella!  
«Para ti o matei: não m'o regeites!--»

«--Ah! foge, homem sinistro! ella lhe torna.  
«Carregado e terrivel tens o rosto,  
«E duro o peito como rocha dura!  
«Tu, ó filho de Tórman, tu, ó Cathba,  
«És meu unico amor! és a meus olhos  
«Como um raio de sol em tempestade!  
«Oh! dize-me se o viste, o joven bello  
«Na serra dos seus gamos, pois ha muito  
«Que n'este sitio o espero!--»

«--E largo tempo  
«O esperáras, ó Morna, elle responde!  
«Olha esta espada nua: aqui o sangue  
«De Cathba ainda escorre. Cahiu junto  
«Da torrente de Branno: sobre o Cromla  
«Lhe erguerei o sepulchro. Volta os olhos,  
«Volta-os para Duchómar: é seu braço  
«Forte como a tormenta.--»

«--Morto, exclama  
«Em desespêro a angustiada virgem,  
«Morto o filho de Tórman! nos seus montes  
«Extincto o joven de nevado peito!  
«O primeiro em caçadas, o inimigo  
«Dos guerreiros do oceano! Eu te detesto,  
«Ó Duchómar cruel! Dá-me essa espada!  
«N'esse barbaro ferro quero ao menos  
«Vêr o sangue de Cathba!--»

«--Elle movido  
«De suas queixas, lhe confia a espada,  
«E ella no peito varonil lh'a embebe.  
«Bem como se despenha a ribanceira  
«Da torrente da serra, elle baqueia.  
«Na agonia mortal estende á virgem  
«A mão convulsa, e diz: Por ti fui morto  
«No verdor de meus annos. Sinto a espada  
«Fria, ai, fria no peito! Meu cadaver  
«Entrega á bella Moina: eu era o sonho  
«Das noites d'essa virgem. Compassiva  
«Meu sepulchro ha de erguer; e ha de o meu nome  
«Cantar o caçador. Mas vem do peito,  
«Oh! vem tirar-me este gelado ferro!--  
«De lagrimas banhada acode a virgem,  
«O agudo ferro extrahe, e eil-o que a furto  
«O crystallino seio lhe atravessa.  
«Vacillando ella cahe; o sangue em ondas  
«Lhe tinge os braços niveos, a madeixa  
«Desgrenhada lhe roja; e na caverna  
«Seus extremos gemidos echoaram.»

«Paz, disse Cuthullin, paz e descanso  
«Ás almas dos heroes! Sublimes foram  
«Seus feitos de valor! Que elles me cerquem  
«Pairando sobre as nuvens! que eu lhes veja  
«As guerreiras figuras! Então forte  
«Nos perigos serei; será meu braço  
«Como o fogo do céu! E tu, ó Morna,  
«Sobre um raio da lua me apparece!  
«Ás horas do descanso quero vêr-te  
«Quando em paz estiver, quando cessarem  
«Os tumultos da guerra. Mas as hostes

[202]

[203]

«Ordenae, meus amigos, e marchemos  
«Para a guerra d'Erin! Tomae por norte  
«Meu carro de batalha! extasiae-vos  
«Ao rumor do seu curso! Eia, a meu lado  
«Tres lanças collocae! De meus cavallos  
«O galope segui! Que eu possa afoito  
«Com meus socios contar quando esta espada  
«Relampejar nas sombras da peleja!»

Como espumea torrente que se arroja  
Do tenebroso Cromla, quando rola  
O trovão pelos céos, e a escura noite  
Impera na montanha, quando os rostos  
Dos lividos phantasmas apparecem  
Nas fendas da borrasca; assim furiosa,  
Vasta, e medonha se arremessa a turba  
Dos guerreiros d'Erin. Na frente avança  
O valoroso chefe, semelhando  
A baleia do oceano acompanhada  
Do marulho das ondas, ou torrente  
Que arrasta as aguas através dos campos:  
Aos filhos de Lochlin chega o ruido  
Como o surdo rumor da tempestade:  
No pesado broquel bate Swáran  
Chamando o filho d'Arno. «Que sussurro  
«Lhe diz, é este que nos montes sôa,  
«Semelhante ao zumbido que levantam  
«Os insectos da tarde? Acaso descem  
«Os guerreiros d'Erin? Rugem acaso  
«Os ventos na floresta? É assim que ás vezes  
«Elles soam no Górmal quando querem  
«Das minhas vagas açoitar o dorso.  
«Sobe já, filho d'Arno, sobe ao monte,  
«E estende a vista pelo escuro plaino.»

Partiu. Em breve regressou tremendo.  
Em torno os olhos revolvía inquieto;  
O coração lhe palpitava ancioso;  
As palavras a custo proferia  
Cortadas, vagarosas. «Surge, disse,  
«Surge, ó filho do oceano, altivo chefe  
«Dos escuros broqueis! Eu vi a negra  
«Caudalosa torrente da batalha!  
«As movediças forças numerosas  
«Dos guerreiros d'Erin! Já temeroso  
«Como a chamma da morte se aproxima  
«De Cuthullin o bellicoso carro!  
«Na parte posterior é recurvado  
«Como a vaga ante a rocha, ou como a nevoa  
«Doirada pelo sol. São embutidos  
«De pedraria os lados, e resplendem  
«Como em torno da barca ondas nocturnas.  
«É de polido teixo fabricado  
«O comprido timão; e o liso assento  
«D'osso branco e macio. Tem os bordos  
«Recheados de lanças, e no fundo  
«O degrau dos heroes. Diante do carro,  
«Á dextra parte, relinchando avulta  
«O d'amplas crinas, largos peitos, forte,  
«Agil, fero cavallo da montanha.  
«Estrondoso galopa; a crina esparsa  
«Pelo pescoço, os turbilhões imita  
«Do vapor que se estende pelas rochas.  
«É de brancas espadoas, e chamado  
«Sulin-Siffada. Do outro lado, o esquerdo,  
«Resfolga ardente o d'elevado collo,  
«De raras crinas, duros pés, ligeiro  
«Filho da serra, saltador ginete.  
«Tem por nome Durósnal entre os filhos  
«Da guerra procellosa. Os duros freios  
«Entre frocos d'espuma resplandecem.

«Cheias de pedraria as finas redeas

[204]

[205]

[206]



Muitos, ó Cuthullin, á morte déste!  
Era o teu gladio como o fogo ethereo  
Que incendeia as montanhas, e fulmina  
Os íncolas do val. Calcando os mortos  
Relinchava Durósnal; e no sangue  
Galopava Siffada. Todo o campo  
Destroçado deixavam, como as selvas  
Ficam no Cromla quando passa o vento  
Carregado d'espíritos da noite.

Sobre a rocha dos ventos chora afflicta,  
Ó virgem d'Inistor! Inclina ás ondas  
A formosa cabeça, tu mais bella  
Que o espirito da serra quando ás vezes  
Do meio dia sobre um raio desce  
Ao silencio de Morven! Teu amigo,  
O teu joven amigo já não vive!  
Pallido vacillou, cahiu extinto  
De Cuthullin sob a tremenda espada!  
Nunca mais teu amor em valentia  
Á grandeza dos reis ha de elevar-se.  
Trénar, o bello Trénar cahiu morto,  
Ó virgem d'Inistor! Debalde o chamam  
Seus cães uivando: no solar só vêem  
Seu espectro vagar. Pende na sala  
Desarmado o seu arco, e no aposento  
Dos seus veados, o silencio reina!

[209]

Como rolam mil vagas contra a rocha,  
Taes arremettem de Lochlin as hostes.  
Como o rochedo vagas mil affronta,  
Taes lhes resistem as d'Erin seguras.  
Á pavorosa grita que resôa  
O tinido das armas se reúne.  
É cada heroe como um pilar de nevoa;  
Sua espada na dextra é como um raio.  
De lado a lado todo o campo sôa  
Semelhando a fornalha onde retumbam  
Na vermelha bigorna cem martellos.  
Quem são esses que tetricos pelejam  
Na campina de Lena? Quem são esses  
Que duas nuvens na figura imitam,  
Cujas espadas sem cessar lampejam?  
Em derredor os montes espantados,  
Os rochedos medrosos estremecem,  
Quem são elles senão d'Erin o chefe,  
Senão o filho do oceano? Pelo campo  
Co'a vista inquieta os acompanham sempre  
Seus guerreiros anciosos. Mas a noite  
Os envolve nas sombras, e crescendo  
Á batalha terrível põe remate.

[210]

Do emmaranhado Cromla sobre a encosta  
Depositára Dorglas o veado  
Que ao romper da manhã fôra colhido,  
Estando ainda na montanha as hostes,  
Eis ajuntam a lenha cem mancebos,  
Dez guerreiros accendem a fogueira,  
E trezentos escolhem lisas pedras:  
O fumo do banquete sobe aos ares.  
O poderoso espirito concentra  
Cuthullin meditando, e recostado  
Á lança refulgente a voz dirige  
Ao filho das canções encanecido,  
A Cárril d'outros tempos. «Devo acaso  
«Do banquete gosar, e ha de isolado  
«Longe do gamo das montanhas suas,  
«Longe das festas dos salões ruidosos,  
«O chefe de Lochlin ficar na praia?  
«Vae, ó Cárril annoso; vae levar-lhe  
«Amigaveis palavras. Annuncia  
«Ao que as ondas ruidosas nos trouxeram

[211]

«Que vae dar Cuthullin o seu banquete.  
«Venha ouvir o murmurio dos meus bosques  
«Pelas sombras da noite, pois gelado  
«Sussurra o vento nas espumeas vagas.  
«Venha gosar os tremulos accentos  
«Da harpa melodiosa; escutar venha  
«O louvor dos heroes!»

Obedecendo

Parte o velho cantor, e em tom benigno  
Dos escuros broqueis diz ao monarcha:  
«Acorda, ó rei das selvas, eia acorda!  
«D'entre as pelles da caça te levanta!  
«Na alegria das taças, no banquete  
«Do principe d'Erin vem tomar parte!»  
Como o sinistro sussurrar do Cromla  
Antes da tempestade, elle responde:  
«Quando mesmo, Inisfail, as tuas virgens  
«Me estendessem os braços côr de neve,  
«E descobrindo os palpitantes seios  
«Os amorosos olhos me lançassem,  
«Firme n'este logar, como são firmes  
«As rochas de Lochlin, ficára ainda!  
«N'este logar esperarei que o brilho  
«Da matutina luz venha chamar-me  
«De Cuthullin á morte. Eu amo o sôpro  
«Dos ventos de Lochlin! Elles cruzaram  
«Os espaços do mar! Elles me fallam  
«No zumbir das enxarcias, e me trazem  
«Minhas verdes florestas á lembrança; [212]  
«As florestas do Górmal, que eu ouvia  
«Rugir ao seu befejo, quando a lança  
«Do javali na caça manejava.  
«Oh! vae: que o torvo Cuthullin me ceda  
«O throno de Cormac, ou em torrentes  
«Correrá das montanhas á planicie  
«De seus guerreiros o espumoso sangue!»

«Funestos são, diz Cárril d'outros tempos,  
«Os ditos de Swáran!»--«Sim, funestos,  
«Responde Cuthullin, lhe hão de ser elles.  
«Mas ergue a voz, ó Carril, e reconta  
«Os feitos do passado. Com teus cantos  
«Nos abrevia a noite; em nós desperta  
«O gôso da tristeza. Heroes infindos,  
«E mil virgens amantes hão passado  
«Na terra d'Inisfail. Doces resôam  
«Os cantos do infortunio que se elevam  
«Nas rochas d'Albion quando emmudece  
«O rumor da caçada, e ás vozes d'Ossian  
«Se casa o murmurio das correntes.»

«No tempo que passou, começa o bardo,  
«Os guerreiros do oceano a Erin vieram.  
«Numerosos baixéis galgando as ondas  
«Aportaram d'Erin ás mansas praias.  
«Os filhos d'Inisfail se levantaram  
«Dos escuros broqueis sustando a raça.  
«Militava no exercito Caírbar, [213]  
«Dos homens o primeiro, e o joven Grúdar,  
«De garbosa figura. Desde muito  
«Que entre si contendiam pela posse  
«Do immaculado touro que mugia  
«Na campina de Golbum; desde muito  
«Que a morte viam nos agudos ferros.  
«Contra os filhos do mar um tempo unidos  
«Combateram a par, venceram juntos.  
«Quem na montanha possuia a gloria  
«De Caírbar e Grúdar? Mas, oh pena!  
«Porque mugia o immaculado touro  
«Na campina de Golbum? Mal que o viram  
«De novo a sanha lhes brotou nos peitos.

«Sobre as margens do Lúbar combateram:  
«Grúdar cahiu sem vida. Então Caírbar  
«Caminhou para o valle onde Brassolis,  
«Sua irmã formosissima, entoava  
«O canto da tristeza. Ella narrava  
«As façanhas de Grúdar, o mancebo  
«De seu intimo affecto; ella chorava  
«Seus perigos no campo, e sua volta  
«Esperava com ancia. O branco seio  
«Lhe transluzia sob as roupas leves  
«Como a lua entre nuvens; e mais doce  
«Era seu canto que os gemidos da harpa.  
«Em seu bem adorado tinha a mente,  
«E seus olhos gentis fallavam d'elle.  
«--Quando virás emfim?--ella dizia;  
«--Quando virás, ó poderoso em guerras?--

[214]

«--Guarda, lhe diz o irmão, guarda, ó Brassolis,  
«Este escudo sangrento: vae fixal-o  
«Da minha sala no elevado tecto.  
«É o escudo de Grúdar!--Mal que o ouve  
«A donzella estremece, e a côr perdendo,  
«Sem tino, eil-a que parte. Envolto em sangue  
«Na planicie de Cromla vê o amante,  
«E junto d'elle, vacillando, expira.  
«É este, Cuthullin, é este o sitio  
«Em que repousam ambos! Estes cedros  
«Lhes brotaram nas campas, e saudosos  
«Do furor das tormentas os defendem.  
«Formosa era Brassolis na planicie!  
«Elegante era Grúdar na montanha!  
«Hão de os cantos dos bardos memoral-os,  
«E ao remoto porvir levar seus nomes!»

«Suave é tua voz, suave, ó Cárril,  
«Diz o chefe d'Erin. São apraziveis  
«Os contos do passado, como o orvalho  
«Da amena primavera quando brilha  
«Pelos campos o sol e a nuvem leve  
«Revôa nas collinas. Ao som da harpa  
«Celebra o meu amor, a luz serena  
«Da solitaria estrella de Dunscaith.  
«Canta a gentil Bragela, a terna esposa  
«Que saudosa deixei na ilha das nevoas.  
«Que fazes, doce amiga? acaso elevas  
«Sobre a rocha escarpada a bella fronte,  
«E meus navios descobrir procuras?  
«O mar se agita ao longe: a branca espuma  
«Por minhas vélas tomarás acaso.  
«Recolhe-te que é noite, amor querido:  
«Em teu cabelo o vendaval murmura.  
«Aos meus paços festivos te recolhe,  
«E pensa em outros dias. Aos teus braços  
«Não poderei voltar sem que serene  
«A tormenta da guerra. Falla, ó Cónnal,  
«Falla-me d'armas só: quero as saudades  
«De meu seio expulsar, quero esquecêl-a.»

[215]

«Dos guerreiros do oceano te acautela,  
«Responde o lento Cónnal. Sem demora  
«Manda escoltas nocturnas que vigiem  
«O campo do inimigo. Sou de voto,  
«Ó Cuthullin, que a pelejar não vamos  
«Sem que Fíngal, dos homens o primeiro,  
«Aporte ás nossas praias, sem que brilhe  
«Como os raios do sol em nossos campos.»

Sobre o escudo d'alarma bate o chefe,  
E o nocturno esquadrão se põe em marcha.  
O restante do exercito no campo  
Ao sereno da noite se adormece.

Dos derradeiros mortos os espectros  
Divagavam em torno e fluctuavam  
Entre as nuvens sombrias. Longe, ao longe  
Por sobre a escura solidão de Lena  
Funereas vozes murmurar se ouviam.

[216]

**FIM**

## **INDICE**

---

	Pag.
A Camões	<a href="#">5</a>
O Outomno	<a href="#">12</a>
O Noivado do Sepulchro	<a href="#">16</a>
Desejo	<a href="#">20</a>
Boabdil	<a href="#">22</a>
Canção	<a href="#">26</a>
À Patria	<a href="#">29</a>
Rosa branca	<a href="#">34</a>
Enfado	<a href="#">38</a>
Anhelos	<a href="#">41</a>
O Filho Morto	<a href="#">45</a>
Socrates	<a href="#">47</a>
A***	<a href="#">51</a>
Ultimos momentos d'Albuquerque	<a href="#">52</a>
A ti	<a href="#">59</a>
Infancia e Morte	<a href="#">61</a>
O Canto do Livre	<a href="#">64</a>
Saudade	<a href="#">67</a>
Amor e Eternidade	<a href="#">70</a>
O Escravo	<a href="#">72</a>
O Anjo da humanidade	<a href="#">78</a>
Partida	<a href="#">85</a>
Canto de Primavera	<a href="#">87</a>
Catão	<a href="#">90</a>
Imitação do Islandez	<a href="#">98</a>
À Morte do meu amigo Licinio F. C. de Carvalho	<a href="#">100</a>
O Mendigo	<a href="#">105</a>
A Vida	<a href="#">108</a>
Desengano	<a href="#">116</a>
Agar	<a href="#">118</a>
Maria, a ceifeira	<a href="#">125</a>
O Firmamento	<a href="#">127</a>
Tristeza	<a href="#">134</a>
A Mãe e a Filha	<a href="#">137</a>
O Mosteiro da Batalha	<a href="#">139</a>
Desalento	<a href="#">147</a>
Consolação	<a href="#">150</a>

[218]

O Bussaco	<a href="#">154</a>
A Fonte dos Amores	<a href="#">159</a>
A um Theatro Academico	<a href="#">162</a>
N'um album	<a href="#">164</a>
Visão do Resgate	<a href="#">165</a>
Versões d'Ossian	
Ao Sol	<a href="#">187</a>
Colma	<a href="#">189</a>
Fíngal	<a href="#">193</a>

\*\*\* END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK POESIAS \*\*\*

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE  
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE  
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at [www.gutenberg.org/license](http://www.gutenberg.org/license).

**Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works**

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with

this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website ([www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other

copies of Project Gutenberg™ works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you ‘AS-IS’, WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

## **Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™**

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

### **Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at [www.gutenberg.org/contact](http://www.gutenberg.org/contact)

### **Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate).

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate)

### **Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works**

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.